

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ISABELA SOUZA ANDRADE

TRAJETÓRIAS E URBANIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DO
BAIRRO SANTA CLARA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS (1977
À 2022)

VIÇOSA
2022

ISABELA SOUZA ANDRADE

**TRAJETÓRIAS E URBANIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DO
BAIRRO SANTA CLARA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS (1977
À 2022)**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Geografia da Universidade Federal de
Viçosa como parte dos requisitos para
conclusão do curso de Bacharelado em
Geografia.

Orientação: Maria Isabel de Jesus
Chrysostomo

VIÇOSA

2022

Menina, amanhã de manhã
quando a gente acordar
quero te dizer
que a felicidade vai
desabar sobre os homens
vai
desabar sobre os homens
vai
desabar sobre os homens
Na hora ninguém escapa
debaixo da cama
ninguém se esconde
a felicidade vai
desabar sobre os homens
vai
desabar sobre os homens
vai
desabar sobre os homens

*Tom Zé - Menina, Amanhã De Manhã
(O Sonho Voltou)*

Agradecimentos

Essa conquista é dedicada às mulheres da minha vida, tanto aquelas presentes em meu cotidiano quanto aquelas que no passado batalharam para que eu conquistasse meus direitos. Dedico igualmente às trabalhadoras e trabalhadores brasileiros pelo meus estudos na rede pública e posterior ingresso em uma instituição de ensino superior de excelência, a Universidade Federal de Viçosa, onde me tornei Geógrafa Licenciada e agora Bacharela. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela bolsa de pesquisa concedida, o que permitiu a realização desse estudo.

Essa é uma vitória coletiva, em especial agradeço à minha mãe Dulce Virgínia Teixeira de Souza e minhas primas Ana Carolina Teixeira de Souza Rodrigues e Amanda Teixeira de Souza Rodrigues, por todo acolhimento e encorajamento. Sou grata aos meus familiares pela contínua torcida e suporte, assim como ao meu pai, Nilson Antonio Andrade.

Aos amigos que fiz no caminho e às famílias que criamos, tenho muito carinho e o que agradecer. É imenso o apreço às *galera* de Ervália, da Geografia, do Madrugá, do Rondon ou de qualquer outro cantinho que a vida me trouxe a oportunidade de conhecer.

Destaco o pilar na minha formação que alguns professores se tornaram ao longo da minha trajetória estudantil, pessoas que sem dúvida alguma me motivam a acreditar que a educação transforma vidas e sonhos em realidade. Sem vocês que me acompanham desde o Ensino Médio, Adailton e Eloisa, e no decorrer da graduação, Janete, Maria Isabel e Marilda, esse mundo novo e repleto de possibilidades não seria possível, obrigada por cada aconselhamento e por serem incríveis inspirações. Agradeço em especial à Isabel, professora que desde o primeiro contato conquistou minha total admiração! Aos demais professores do ensino básico e do Departamento de Geografia, por cada conhecimento compartilhado e construído juntos, muitíssimo obrigada! Vocês tem grande afeto em mim, assim como os maravilhosos do Departamento de Geografia (DGE): Patrícia, Fábio, Gilmar e Neuman!

Apesar do desejo de não nomear para não deixar meus benzim de fora, destaco que nesse último ano vocês foram fundamentais para que eu chegasse até aqui: Alícia, Ana Paula, Dayse, Filipe, Nathália, Nicole, Paloma, Rafaela, Renan, Sabrina, Thays, Varley, Victória e Yaisa. Não cabe em palavras meu amor e gratidão. Que privilégio o meu ter pessoas tão incríveis quanto os meus amigos caminhando ao meu lado.

Por fim, destaco também o orgulho do meu esforço e êxito nesses anos. *Sally can wait.*

“A nossa terra fértil foi vencendo o concreto

O nosso reflorestamento erguendo-se em fé”

(Don L - Primavera)

Resumo

Em Viçosa, município localizado no domínio morfoclimático dos mares de morros na mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais, a expansão urbana alavancou-se em 1969, decorrente da federalização da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Houve rápido crescimento populacional, foram criados loteamentos e bairros em diferentes áreas da cidade entre as décadas de 1970 e 1980, dentre eles o bairro Santa Clara. Na presente pesquisa interessa conhecer a formação do bairro e suas consequências simbólicas e materiais, para tanto foi realizado levantamento bibliográfico sobre os principais conceitos: urbanização, periferia e interseccionalidade; assim como análise de dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, de respostas de questionários aplicados no bairro em 2017 e entrevistas realizadas no ano de 2022, fornecendo empirismo ao estudo. O que se constata é que simbolicamente existem dois bairros, o Alto Santa Clara, cuja população é principalmente composta por moradores de classe média e classe com menor perfil de renda, enquanto a outra parte, o Baixo Santa Clara, é principalmente ocupado por moradores de classe média. A segregação assume inclusive a forma material, através das diferenças nas construções, assim como no acesso da população a serviços e à infraestrutura.

Palavras-chave: Santa Clara; urbanização; periferia; interseccionalidade.

Lista de figuras

Figura 1: Área de Viçosa ocupada após 1960	18
Figura 2: Zona central de Viçosa com o Edifício Panorama em destaque (1999)	19
Figura 3: Zona central de Viçosa com o Edifício Panorama em destaque (2022)	19
Figura 4: Mapa dos bairros criados entre as décadas de 1970 e 1980 em Viçosa	23
Figura 5: Área onde foi construído o bairro Santa Clara (não datado)	27
Figura 6: Início do loteamento do bairro Santa Clara em 1978	28
Figura 7: Parte do Santa Clara de Baixo (2022)	30
Figura 8: Parte do Santa Clara de Baixo (2022)	30
Figura 9: Parte do Santa Clara de Baixo (2022)	30
Figura 10: Parte do Santa Clara de Baixo (2022)	30
Figura 11: Parte do Alto Santa Clara (2022)	31
Figura 12: Parte do Alto Santa Clara (2022)	31
Figura 13: Parte do Alto Santa Clara (2022)	31
Figura 14: Parte do Alto Santa Clara (2022)	31
Figura 15: Mapa da divisão entre Alto Santa Clara e Baixo Santa Clara	32
Figura 16: Rebaixamento do terreno na Av. Juscelino Kubitschek (setembro de 2022)	34
Figura 17: O último predinho do bairro Santa Clara, 2016	35
Figura 18: Mapa dos setores censitários do bairro Santa Clara (2022)	38
Figura 19: Mapa da parcela de residências com mulheres responsáveis no bairro Santa Clara (2010)	40
Figura 20: Mapa da taxa de alfabetização do bairro Santa Clara (2010)	42
Figura 21: Mapa da parcela de pessoas que recebem até um salário mínimo no bairro Santa Clara (2010)	46
Figura 22: Mapa da parcela de pessoas que recebem mais de três salários mínimos no bairro Santa Clara (2010)	47
Figura 23: Mapa da parcela de pessoas negras ou pardas do bairro Santa Clara (2010)	49
Figura 24: Rua Gabriel Brumano (2022)	56

Lista de tabelas

Tabela 1: Evolução da população viçosense entre 1970 e 2013	17
Tabela 2: Número de moradores por domicílio no bairro Santa Clara (2013)	39
Tabela 3: Responsáveis domiciliares por setor censitário no bairro Santa Clara (2010)	39
Tabela 4: Responsáveis domiciliares por setor censitário no bairro Santa Clara (2022)	39
Tabela 5: Taxa de alfabetização por setor censitário de acordo com as entrevistas (2022)	41
Tabela 6: Taxa de alfabetização por setor censitário de acordo com os questionários (2017)	41
Tabela 7: Faixa salarial dos moradores do bairro Santa Clara (2010)	43
Tabela 8: Renda domiciliar do bairro Santa Clara (2022)	43
Tabela 9: Residentes por domicílio entrevistado no Santa Clara (2022)	44
Tabela 10: Renda per capita das residências entrevistadas (2022)	44
Tabela 11: Indicadores de renda do bairro Santa Clara (2013)	45
Tabela 12: Raça das moradoras do bairro Santa Clara (2010)	48
Tabela 13: Raça das moradoras do bairro Santa Clara (2022)	48

Lista de abreviações

BNH - Banco Nacional de Habitação

COHABs - Companhias de Habitação Popular

DGE - Departamento de Geografia

FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PIB - Produto Interno Bruto

PIBIC - Programa de Apoio à Iniciação Científica e Tecnológica

PMV - Prefeitura Municipal de Viçosa

REGIC - Regiões de Influência das Cidades

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SERFHAU - Serviço Federal de Habitação e Urbanismo

SFH - Sistema Financeiro de Habitação

UBS - Unidade Básica de Saúde

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UREMG - Universidade Rural de Minas Gerais

Sumário

Agradecimentos	2
Resumo	4
Lista de figuras	5
Lista de tabelas	6
Lista de abreviações	7
Introdução	9
1.1 Trajetos percorridos	10
Capítulo I: As vias da urbanização viçosense	13
I.I As cidades e a transformação do espaço geográfico	13
I.II A universidade e a urbanização de Viçosa	16
I.III A expansão das periferias viçosenses	21
Capítulo II: O bairro Santa Clara	27
II.I Da gênese do bairro aos “dois” Santa Clara	27
II.II O perfil demográfico das moradoras e a interseccionalidade	35
II.III “O saber da experiência” - as moradoras do Santa Clara	52
Conclusões	55
Referências bibliográficas	57
Anexos	63

Introdução

Dentre as muitas áreas da ciência geográfica, a Geografia Urbana tem seu “cantinho” guardado no meu coração desde o primeiro contato. Me cativa conhecer as diferentes culturas através de suas manifestações espaciais, destacando as técnicas de construção adotadas ao longo do tempo e as práticas desenvolvidas nos variados lugares por aí construídos. Inclusive é fascinante o fato de que muitos dos processos que atualmente oferecem segurança para construir e novas possibilidades de conformações espaciais vêm sendo adotados por diferentes civilizações no decorrer do tempo, tal como é o caso da terraplanagem usada nos cacicados amazônicos, pelos romanos e muitos outros povos. Técnicas que foram sendo aperfeiçoadas e ampliadas devido ao uso de maquinário especializado, mas que há muito se fazem presentes.

Outro ponto que me atrai é a possibilidade de se contar e viver a história através das cidades. Muito além dos pontos turísticos e casarões que nitidamente carregam marcas passadas, as ruas e as pessoas trazem recordações do que um dia foi as cidades e de como ela está sendo transformada - afinal a mutabilidade é intrínseca ao espaço. Pautar a constante construção espacial é dar vias para o entendimento de que aqueles que dela usufruem são atores produtores, que transformam o meio e a partir disso transformar essa identificação em um meio de conscientizar-se enquanto sujeito político e ativo na sociedade.

Cabe destaque a questão de que as referências de importância dadas às pessoas se alteram de acordo com a escala escolhida, pois comumente se define como influentes as pessoas que de algum modo conseguiram impactar o cenário nacional ou regional, contudo nossa vida inegavelmente se faz nas nossas imediações, na escala local. Imagine a seguinte situação: um morador que resolve fazer um bom calçamento e desenhar uma amarelinha em frente a sua casa. Esse morador em uma única ação passou a colaborar com a acessibilidade na mobilidade e a gerar atrativos para crianças e outras faixas etárias. E mesmo que se trate de uma questão fictícia, nos mostra como nossas escolhas podem gerar novos significados e como os impactos podem ser coletivos. A história de uma cidade se faz nas entrelinhas de um conjunto de práticas espaciais que eventualmente se disseminam e vão crescendo, tendo em si um pouco daqueles que um dia por ela passaram ou viveram.

Esta monografia é um dos frutos da pesquisa intitulada “Quando a periferia é a cidade: notas sobre o crescimento da nova pobreza urbana na microrregião de Viçosa (1970-2021)”. Esta foi selecionada no edital 2021/2022 do Programa de Apoio à Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

(FAPEMIG) e desenvolvida junto ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa.

Para esta pesquisa interessa conhecer os processos envolvidos no desenvolvimento de Viçosa nas últimas cinco décadas, em especial a respeito do bairro Santa Clara, situado na periferia urbana do município, criado a partir da Lei nº 241/77 em 23 de setembro. Sua origem está associada à expansão urbana que alavancou-se em 1969 em decorrência da federalização da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) na atual Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Em decorrência de tal processo houve rápido crescimento populacional, o centro funcional foi deslocado para os entornos do *campus* e foram criados loteamentos e bairros em diferentes áreas da cidade entre as décadas de 1970 e 1980. Alguns destes surgiram para atender à demanda da população de renda mais elevada, tal como é o caso do Santa Clara, sendo que a criação de terras servidas¹, no primeiro momento, se deu nas áreas com menor declividade. Entretanto, a proximidade com o Centro impulsionou rapidamente a chegada de novos moradores e a ocupação direcionou-se às partes mais elevadas, com menor ou nenhuma disponibilidade de serviços, materializando a desigualdade social no interior do próprio bairro.

Tendo em vista esses processos, interessa à presente monografia a compreensão das variadas nuances da periferia, aliado ao aprofundamento teórico de outros conceitos que similarmente nortearam o estudo. Há igualmente o anseio de analisar as múltiplas paisagens e formas de apropriação do espaço nas dinâmicas imobiliárias do bairro Santa Clara, assim como a identificação do perfil demográfico dos moradores, para que seja destacado o papel das mulheres que residem no bairro e que através de suas vivências se tornam parte da trajetória espacial do urbano.

1.1 Trajetos percorridos

A pesquisa dividiu-se em alguns momentos, sendo eles: a. realização de um estado da arte; b. revisão bibliográfica; c. trabalhos de campo; d. realização de entrevistas; e. análise de questionários, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Censo de 2010 e de outras fontes escolhidas; f. elaboração de mapas e gráficos.

¹ Áreas dotadas de infraestrutura e com disponibilidade de serviços para a população, ou seja, localidades onde seja presente calçamento, rede de água e esgoto, transporte, assim como acesso à saúde, educação, entre outros.

De acordo com Ferreira (2002), a partir do levantamento bibliográfico se elenca quatro fatores que auxiliam no desenvolver da pesquisa: a. ideia de acumulação, evidenciando os trabalhos realizados acerca de um tema ou objeto; b. noção de totalidade, o que permite o conhecimento da produção intelectual já alcançada no que concerne à questão; c. originalidade, ao se destacar avanços e possibilidades de expansão na área; d. conectividade, ao possibilitar a integração teórica da questão desejada. Fundamentado pelas informações levantadas, então se constrói um estado da arte, importante para demonstração dos avanços teóricos referentes ao tema e caracterização de tendências científicas em determinados tempos ou localidades, assim como análise metodológica, auxiliando na escolha de abordagem ou elucidando novas possibilidades.

Em consonância ao autor, no presente estudo foi realizado em um primeiro momento um estado da arte orientado às periferias e expansão urbana viçosense. Para tanto foram realizados dois levantamentos gerais, o primeiro em cinco periódicos nacionais de Geografia e o segundo nos catálogos de dissertações e teses de diversos departamentos da Universidade Federal de Viçosa (UFV), assim como do próprio repositório institucional. As revistas foram selecionadas a partir do Qualis² em Geografia: Revista GEOgraphia (A2), Revista Mercator (A1), Revista GEOUSP (A1), Revista eMetropolis (B4). Para obtenção de dados da cidade de Viçosa e do Santa Clara foram feitas consultas à legislação municipal sobre sua criação, expansão e outros aspectos do bairro que foram citados em leis ou decretos, assim como levantamento bibliográfico de pesquisas sobre Viçosa e o bairro Santa Clara que foram desenvolvidas em outras instituições de ensino.

Passada essa etapa, foi então realizada a seleção de bibliografias, para iniciar a fundamentação teórica. O arcabouço teórico foi escolhido com base na afinidade com a área de interesse da presente pesquisa e teve como intencionalidade elencar os conceitos que melhor se relacionam com os objetivos propostos, assim como auxiliar identificar possíveis caminhos metodológicos a serem perquiridos para que houvesse a realização dos mesmos. A partir da compreensão teórica, expande-se o horizonte para novas perspectivas, sensibilizando para diversas questões e auxiliando na estruturação e justificativa da realização do trabalho realizado.

² Sistema de qualificação de periódicos adotado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja variação alcança oito níveis, do mais alto ao mais baixo, têm-se: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Por se tratar de um estudo de bairro, para além do resgate histórico, é de suma importância o reconhecimento espacial e para tanto no decorrer da pesquisa foram realizados diversos trabalhos de campo. Estar presente é tornar concreta as informações às quais se teve acesso e, na atual pesquisa, possibilitar a expansão do campo empírico através da realização de entrevistas. Foram realizadas dez entrevistas com moradoras de diferentes ruas do bairro, com a intencionalidade de historicizar a urbanização a partir do vivido, alcançando localidades que os olhos não podem chegar. Foi escolhida a realização de entrevistas com dez moradoras pelo fato de que no bairro existem cinco setores censitários, então a priori seriam realizadas duas entrevistas por setor, fato que acabou se alterando durante a realização da pesquisa em decorrência de três entrevistas em um setor e outro com apenas uma. O reduzido número de entrevistas realizadas se deu em decorrência de limitações temporais.

Outras informações que foram somadas à pesquisa são o resultado de 38 questionários aplicados no bairro no ano de 2017, que objetivavam a caracterização demográfica local. Todos os dados foram analisados e deram origem a mapas, elaborados com o auxílio do Neuman Otávio Freitas Assis (Técnico em Cartografia do Departamento de Geografia), e tabelas que auxiliam na compreensão e melhor exposição do resultado dos levantamentos.

Capítulo I: As vias da urbanização viçosense

I.I As cidades e a transformação do espaço geográfico

Ao considerar os percursos do desenvolvimento, Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001), propõe a análise a partir de três momentos: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. O meio natural demarca o começo da domesticação de plantas e animais, período em que foram desenvolvidos instrumentos de trabalho para caça, colheita e até mesmo a estruturação organizacional das sociedades, todavia a força da natureza era sobrepujante a do ser humano, esse momento foi, então, marcado pelo tempo dos “homens lentos”. O segundo, o meio técnico, se divide em diversos outros em que o grau de desenvolvimento era definido em decorrência do nível de integração dos territórios. Já o meio técnico-científico-informacional, em vigor na atualidade, tem como características a instantaneidade do fluxo informacional, a interconexão espacial global através das redes de transporte e a expansão dos meios de comunicação, ainda que o avanço tecnológico não engloba a todos.

O desenvolvimento tecnológico e industrial assumiu um novo patamar com o fim da Segunda Guerra Mundial, época em que se inicia o terceiro período marcado por Santos, o meio técnico-científico-informacional. É então aprofundada a divisão territorial do trabalho, há o aumento exponencial da rede de transportes, inclusive aéreo, assim como o fortalecimento das redes de comunicação. Nos períodos seguintes, o que se observa é o acelerado desenvolvimento tecnológico, assim como a concentração de poder no mundo globalizado (SANTOS, 2001). Como decorrência há o adensamento urbano a partir da segunda metade do século XX:

em 1940 a população urbana era de 26,3% do total. Em 2000 ela era de 81,2%. Esse crescimento se mostra mais impressionante ainda se lembrarmos os números absolutos: em 1940 a população que residia nas cidades era de 18,8 milhões de habitantes, e em 2000 ela era de aproximadamente 138 milhões. Constatamos, portanto, que em 60 anos os assentamentos urbanos foram ampliados de forma a abrigar mais de 125 milhões de pessoas. Considerando apenas a última década do século XX, as cidades brasileiras aumentaram em 22.718.968 pessoas. (MARICATO, 2000, p.21)

O avanço da urbanização se deu ancorado na expansão industrial, que, de acordo com Maricato (2000, 2008), cresceu junto da dependência econômica nacional frente ao mercado externo. O novo padrão de produção orientou-se à indústria de bens duráveis e de produção, especialmente impulsionado pelo setor automobilístico, “da ocupação do solo urbano até o interior da moradia, a transformação foi profunda, o que não significa que tenha sido

homogeneamente moderna” (Idem, 2000, p.22). Nesse contexto, erige com intensidade a materialização da desigualdade social ao longo do país, pois as mudanças nos meios de produção são similarmente econômicas e, por sua vez, atuam ativamente no surgimento de novas espacialidades citadinas.

No âmbito nacional, entre as consequências desses novos padrões, houve o aumento da falta de moradias, a especulação imobiliária, a expansão da ocupação em morros e áreas precarizadas. Essas características foram presentes na cidade mineira de Viçosa, onde entre as décadas de 1940 e 1950 a população urbana cresceu devido à Universidade Rural de Minas Gerais (UREMG). Na época, muitos fazendeiros mantinham casa na cidade para que seus filhos pudessem estudar, assim como era grande o êxodo rural com intencionalidade de trabalho na zona urbana ou de mudança para outras cidades maiores, aumentando a população que carecia de serviços públicos e de infraestrutura, sendo nessa época crescentes as periferias e já existentes os conflitos com a população urbana viçosense (PANIAGO, 1983).

Em Viçosa, entre as políticas governamentais que impactaram a urbanização durante esse processo, encontra-se o Banco Nacional de Habitação (BNH). Criado em 1964 e aliado ao Sistema Financeiro de Habitação (SFH), tais políticas foram responsáveis por impulsionar o crescimento e a tendência verticalizadora nacional (MARICATO, 2008). Uma das principais ações do SFH foi a implementação das obras de saneamento básico e distribuição de água tratada.

Maricato (2008) ressalta que no momento da implementação do BNH e SERFHAU (Serviço Federal de Habitação e Urbanismo), as cidades não tinham 50% da população total nacional, ou seja, era o período ideal para ter ocorrido a reforma agrária, contudo os interesses governamentais eram orientados à manutenção das estruturas de poder das elites. Entre os anos de 1967 a 1982 foi elevada a taxa de produção imobiliária e as referidas instituições impulsionaram a tendência desenvolvimentista direcionada aos centros urbanos. Ao valorizar o preço da terra, criou-se uma nova classe média, enquanto às classes economicamente menos abastadas foram impostas precárias condições de acesso à moradia, com a criação de Companhias de Habitação Popular (COHABs) em áreas desvalorizadas (Ibidem).

Na década de 1970, houve o “aumento da crise econômica, arrocho salarial, extensão da jornada de trabalho” (SOUZA, 2020, p.19), e diante disso é delegada ao trabalhador a responsabilidade da construção de sua moradia em seu momento de folga, isto é, à custa de árduas jornadas de trabalho que, por sua vez, consumiram as horas que seriam de descanso.. A pobreza, então, constitui-se como uma via de mão dupla: um entrave à maior expansão das

grandes empresas e um facilitador da geração de empregos menos capitalizados e ou informais, tanto que em 1979, 38% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro correspondia ao setor industrial (BECKER E EGLER, 1998).

Ademais, especialmente após o Consenso de Washington em 1989, a cidade passa a ser o *locus* da produção de renda e da expansão neoliberal, “a construção de grandes infraestruturas e a participação no mercado externo foram acompanhadas pelas promessas de tirar as nações do marasmo, embora a pobreza não parasse de aumentar.” (SILVEIRA, 2011, p.152). De acordo com Maricato (2008), período em que foram implementados no Brasil e na América Latina os Planos Estratégicos, que visavam a privatização e o descontrole do Estado com relação ao mercado, apresentando essa como única alternativa à crise fiscal gerada pelo aumento da dívida externa e à crise urbana gerada pelo aumento do desemprego.

Em 1988, Spósito levantou algumas questões acerca do acesso à moradia, pois este não está subordinado ao tempo disponível para se construir uma casa e sim à disponibilidade financeira, fator limitador ao trabalhador que recebe o piso salarial. Com dificuldade as famílias custeiam sua alimentação e tem o segundo ponto, que é o elevado preço da terra para a construção da casa própria ou para aluguel de um imóvel. Privados de espaço para plantio, cidadãos citadinos são reféns da constante compra de bens e serviços. Essas ponderações, que atravessam gerações, exemplificam a necessidade da ação Estatal em prover qualidade/condições de vida digna à população vítima da extrema desigualdade social no país.

Vale ressaltar que no decorrer do tempo os sistemas financeiros se alteram e para muitos durante a vigência da monarquia ou do feudalismo, não era possível a chegada do novo. Atualmente, na regência do sistema capitalista, cabe a esperança da supressão desse sistema estruturalmente colapsado, afinal ao se pensar o espaço,

Esse caos-e-instabilidade, que é fundamental, determinante e irreduzível, é, ao mesmo tempo, naturalmente, o pior contra o qual lutamos com leis, regras, convenções, política e hegemonia provisória, mas ao mesmo tempo é uma oportunidade, uma oportunidade de mudar, de desestabilizar. Se houvesse estabilidade contínua, não haveria necessidade de política e isso vai até o ponto em que a estabilidade não é natural, essencial ou substancial, que a política existe e a ética é possível. O caos é, ao mesmo tempo, um risco e uma oportunidade. (DERRIDA apud MASSEY, 2013, p.216)

Para concluir, neste tópico são relacionadas as ações de diferentes setores e como estes agem na urbanização. As alterações globais produzem impactos locais e isso se percebe através das novas configurações industriais e da forma como estas impactam os setores econômico e social, através de modificações nos padrões de vida da população e a

consequente materialização destes no espaço geográfico. Erige, nesse contexto, a ampliação da urbanização, assim como o crescente desenvolvimento tecnológico, que não abarca toda a população, ampliando a desigualdade social e fazendo com que muitos fiquem à margem desse processo.

Considerando as populações carentes financeiramente, políticas estatais tem grande relevância na diminuição ou ampliação das desigualdades, pois podem possibilitar o acesso à moradia àqueles que foram excluídos financeiramente, assim como podem gerar a supervalorização de determinadas áreas através da melhoria infraestrutural e disponibilidade de serviços, criando novas formas de apropriação do espaço simbólicas e/ou materiais.

Tendo em vista a contextualização realizada, o próximo subcapítulo irá se debruçar nas consequências da federalização da Universidade Federal de Viçosa (UFV) na produção espacial viçosense, tendo entre algumas de suas consequências, o deslocamento do centro funcional para as proximidades do *campus*, assim como o rápido crescimento urbano e expansão da área edificada.

I.II A universidade e a urbanização de Viçosa

Em 15 de julho de 1969 é criado o Decreto nº 64.825/69, que transforma a Universidade Rural de Minas Gerais (UREMG) na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (HONÓRIO, 2012). Desde sua implementação, a instituição de ensino foi gradativamente impulsionando a maior integração viçosense com o cenário nacional, sendo que a federalização ocorre em consonância com o meio técnico-científico-informacional. A partir de então é ampliado o contingente populacional em Viçosa em decorrência da chegada de muitas pessoas ligadas à UFV, fator que desencadeia o crescimento da cidade de modo rápido.

A autora ainda pondera que mesmo anteriormente à federalização, houve um distanciamento entre as pessoas ligadas à instituição e os viçosenses, pois estudantes e professores em sua maioria viviam em regime de internato, até mesmo com a realização das atividades de lazer dentro do próprio *campus*, questão reforçada pela construção da Vila Gianetti, que é edificada para abrigar professores da universidade e os visitantes norte-americanos no fim da década de 1960, quando ainda era UREMG.

Todavia, o crescimento da instituição rapidamente produziu novas configurações urbanas em Viçosa e esse aspecto está relacionado a mudança no perfil demográfico, pois

Segundo dados levantados pelo IBGE, até o ano de 1960 a população de Viçosa era de 20.846 habitantes. Desse total, 9.221 habitantes residiam em área urbana e os

11.625 restantes encontravam-se espalhados na zona rural. Na década de 60, houve uma inversão nesse quadro, residindo, na sede do município, 15.551 habitantes e, na zona rural, 10.226, perfazendo um total de 25.777 habitantes. (MELLO, 2002, p.38)

A década de 1960 demarca, então, o período em que a cidade se torna urbana. No decorrer dos anos a população foi crescendo e delineando ainda mais as marcas urbanas, essas informações estão contidas na Tabela 1, criada pela ONG Census para relatar o aumento populacional de Viçosa, comparando os indicadores urbano e rural:

Tabela 1: Evolução da população viçosense entre 1970 e 2013

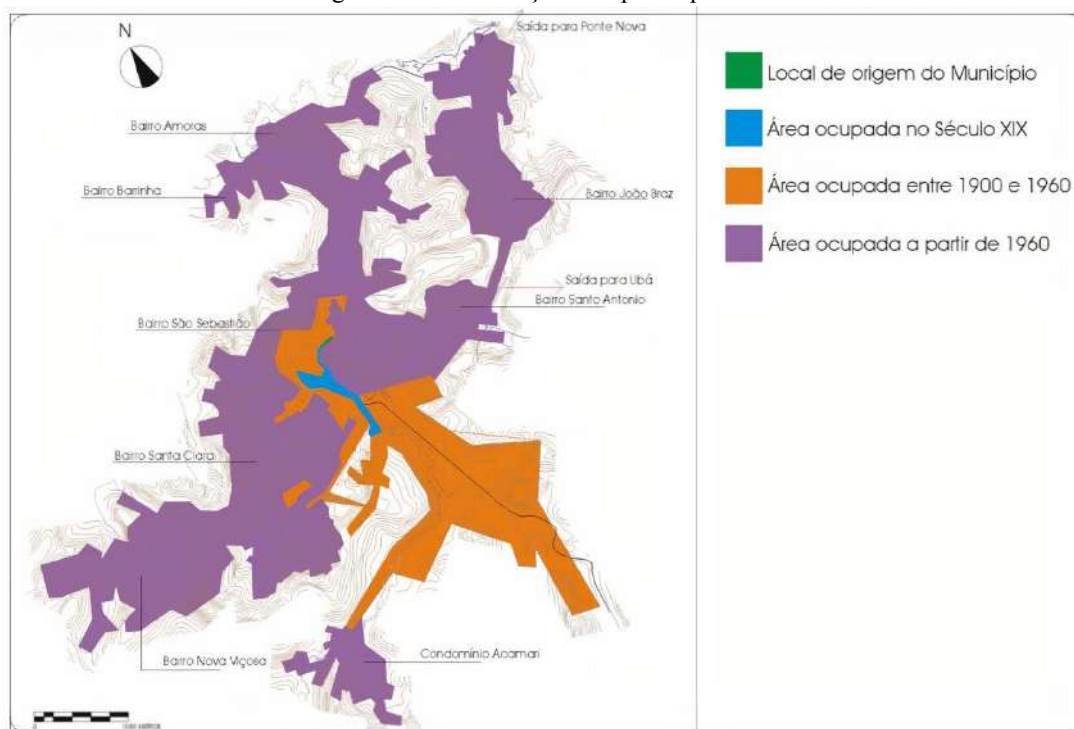
ANOS	POPULAÇÃO					
	URBANA		RURAL		TOTAL	
	ABSOLUTA	%	ABSOLUTA	%	ABSOLUTA	%
1970	17.000	65,93%	8.784	34,07%	25.784	100,00%
1980	31.179	80,60%	7.507	19,40%	38.686	100,00%
1991	46.456	89,93%	5.202	10,07%	51.658	100,00%
2000	59.792	92,19%	5.062	7,81%	64.854	100,00%
2010	67.305	93,19%	4.915	6,81%	72.220	100,00%
2013	70.969	93,20%	5.178	6,80%	76.147	100,00%

Fonte: ONG Census (2014, p.37)

Leite (2014) relembra que na década de 1970 a transformação em urbano não se constitui apenas como tendência local e sim de um ajuste na base produtiva capitalista, que se volta aos setores de serviços e de construção civil, típicos do espaço urbano. Conquanto a expansão se deu por meios segregatórios e desiguais, onde as novas classes médias viçosenses (referente tanto aos novos moradores, quanto ao setor imobiliário que se expandiu) ocuparam as áreas centrais da cidade e novos bairros foram criados.

A expansão urbana em Viçosa, para Coelho (2013), se deu com correspondências ao de grandes centros, a partir de três fatores: i. conversão de áreas rurais em urbanas para o mercado imobiliário; ii. criação de estoque de terras com a apropriação de terrenos por setores mais capitalizados; iii. articulação do aparato estatal aos setores privados. Na Figura 1 é possível observar as novas áreas abarcadas pela expansão urbana e o grande impacto da UFV no crescimento da cidade, este último marcado pelo aumento exponencial da malha urbana após a década de 1960, momento de sua federalização:

Figura 1: Área de Viçosa ocupada após 1960



Fonte: MELLO (2002, p.98)

De acordo com Coelho (2013), a urbanização viçosense toma outro rumo a partir de uma lei criada em 31 de dezembro de 1971, a Lei nº 609, que proibia a construção de casebres no Centro. A Lei nº 609, tinha como intencionalidade a valorização das áreas centrais de Viçosa, fazendo com que a população de baixa renda fosse obrigada a se mudar para bairros distantes dotados de pouca ou nenhuma infraestrutura para que a elite local pudesse ocupar as áreas de crescente especulação imobiliária em decorrência da proximidade com o *campus* da UFV. Apesar de ter sido de grande impacto para a cidade, não há quaisquer registros de como se deu a expulsão dos pobres para as áreas periféricas (Ibidem).

A criação dessa lei reforça que a materialidade da desigualdade pode se dar a partir de barreiras visíveis ou não, que acabam por condicionar as formas de ocupação e de acesso à moradia pela população. Côrrea (1995) destaca dois tipos de segregação espacial: a primeira é causada pelas populações de renda mais elevada, a auto-segregação. A condição econômico-social permite a escolha da localidade da moradia e a implementação de estruturas que isole do mundo ao entorno. A segunda se refere à segregação imposta, que acomete a maior parte da população, que em decorrência da necessidade de habitação, comumente se direciona à localidades com precária ou nenhuma infraestrutura ou mesmo condições que ofereçam segurança para a edificação.

A exemplo dos dois tipos de segregação, em Viçosa se tem o surgimento do primeiro condomínio horizontal, o Parque do Ypê, na década de 1970 para atender à demanda de alguns professores da UFV por habitação em áreas de luxo e, em contrapartida, como marca da segregação imposta, têm-se a criação de loteamentos em zonas periféricas para atender à população que foi expulsa do Centro, como é o caso do Amoras, Nova Viçosa e Santo Antônio (SILVA, 2014).

Em relação às novas espacialidades geradas com a intensificação da urbanização, nacionalmente a verticalização cresceu entre os anos de 1960 e 1980, já em Viçosa esse processo acelerou-se a partir do fim da década de 1980 e começo da década de 1990. Essa alteração foi resultante do aumento do número de matrículas na UFV e da demanda crescente por habitação, pois a universidade não dispunha mais de alojamentos suficientes para atender aos estudantes, que passam a buscar casas para alugar na cidade (Ibidem). Na zona central foram rápidas as alterações espaciais, “esse acentuado crescimento resultou em uma série de problemas típicos de metrópoles brasileiras: deficiência de infraestrutura, favelas e vasto processo de verticalização nas áreas centrais” (MARIA, FARIA E STEPHAN, 2014, p.49).

As Figuras 2 e 3, abaixo apresentadas, demonstram a rapidez com a qual se deu esse processo que originou a construção de diversos edifícios na zona central da cidade:

Figuras 2 e 3: Zona central de Viçosa com o Edifício Panorama em destaque (1999 e 2022, respectivamente)³



Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV (2022); Acervo pessoal (2022)

A UFV e a posterior implementação das instituições privadas de ensino superior transformaram a cidade em um centro de referência ao ensino⁴, processo intensificado pelo

³ Grifos realizados pela autora.

⁴ De acordo com os dados do IBGE na pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC), Viçosa ocupa o segundo lugar no ranking nacional quando considerados os deslocamentos em função de atividades relacionadas ao ensino superior. (IBGE, 2020)

Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado pelo Decreto 6.096, de 24 de abril de 2007. O REUNI aumentou a oferta de cursos na UFV, em consequência o aumento populacional incrementou novamente a demanda por moradia na cidade. Nesse momento, Maria, Faria e Stephan (2014), apontam que houve o parcelamento do solo de áreas rurais e mais distantes do Centro, como é o caso das comunidades de Canela, Cristais, Paraíso, Romão dos Reis e Violeira. Alguns desses bairros tornaram-se foco do interesse em conversão para malha urbana.

Esse fato se deu pelas diferenciações que a legislação prevê sobre construções em zonas urbanas e zonas rurais, sendo que a esses bairros tornaram-se foco da especulação, devido ao grande interesse de implementação de condomínios e residências para atender à população de renda mais elevada. Dessa forma, o Estado age em consonância ao capital imobiliário através da criação de leis que modificam as vias da ocupação do solo, que ainda que se apresentem como incongruentes, são carregadas de intencionalidades.

Para compreender a urbanização capitalista, com suas dinâmicas de especulação e expansão imobiliária, recorreremos à Côrrea (1995), para quem o espaço urbano pode ser entendido enquanto articulado e fragmentado. Este é marcado por três fatores: i. a desigualdade, decorrente das diferentes formas de apropriação e acesso à cidade na sociedade capitalista; ii. a mutabilidade, característica das constantes reestruturações e apropriações que se dão no espaço por parte dos agentes que dele usufruem; iii. condicionante da sociedade, em decorrência do modo pelo qual sua materialização interfere na vida dos sujeitos.

Destarte, através dessas características, é possível analisar a urbanização Viçosense. A partir da federalização da UFV, a cidade se consolida enquanto urbana, seguindo a tendência nacional da época. A partir da década de 1970 os meios de apropriação se modificam e surgem novos bairros, expandindo a malha urbana. As novas áreas de expansão visavam resolver o problema da falta de moradia, que em especial atingia aos mais pobres. Os novos bairros criados próximos ao Centro tinham como intencionalidade atender às classes de renda mais elevada, e eram localidades privilegiadas em relação à distância com o *campus*, disponibilidade da prestação de serviços e de infraestrutura. Já as áreas distantes comumente se destinavam à população de baixa renda, em que o acesso à moradia acompanhava uma série de problemas devido à precariedade infraestrutural, apontando a primeira característica proposta por Corrêa (1995), a desigualdade.

As novas configurações espaciais remetem à mutabilidade do espaço, a segunda característica. O rápido crescimento populacional, consequência da chegada de pessoas

ligadas à instituição, fez com que a expansão urbana transformasse inclusive seu espaço rural, através do parcelamento do solo e sua conversão em área urbana. Esse processo se deu através da ação de agentes como o capital imobiliário, a Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV) e a população. Desse modo, outras localidades foram incorporadas ao urbano, mas sobretudo um novo valor foi dado à terra através da ação de grupos imobiliários, fator que desencadeou um padrão construtivo especialmente orientado à verticalização da cidade nas proximidades da UFV a partir da década de 1990.

Entretanto, as transformações do espaço criam barreiras simbólicas e materiais. O surgimento de áreas dotadas com maior acesso à serviços, infraestrutura e padrão de construção elevado, agem simbolicamente excluindo populações com menor condição de renda e materialmente a partir da impossibilidade de residirem nesses espaços ou até mesmo de acessarem a eles, como é o caso dos condomínios fechados. Essas barreiras, visíveis ou não, servem como condicionantes da sociedade, a última característica proposta por Corrêa (1995). Destarte, os espaços periféricos, que em Viçosa principalmente são construídos distantes da área central, são dotados de pouca ou nenhuma infraestrutura, criando cotidianamente problemas aos seus moradores, como dificuldade de acesso ao transporte e prestação de serviços como saúde, educação e lazer.

I.III A expansão das periferias viçosenses

Periferia é um conceito que transmutou-se no decorrer do tempo. Originalmente data das décadas de 1950 e 1960, nos debates econômicos acerca das cidades latino-americanas em relação às grandes economias, mas que logo passou a se referir à localidades distantes dos centros urbanos, marcados pela pobreza e precariedade (D'ANDREA, 2020). A fragilidade conceitual nos anos 1990 dá lugar a sua fortaleza, tomada pelo autorreconhecimento de seus moradores e da consciência periférica, impulsionada como potência a partir da música. Através da sonoridade são expressos os conflitos, pois “periferia continha e negava violência e pobreza. Continha porque, como denúncia, afirmava o conceito nesses dois fenômenos. Negava porque queria superar tais fenômenos” (Ibidem, p.24).

No que concerne a expansão urbana e o processo de formação de periferias, a análise referente às condições para edificação pode ser considerada a partir de duas perspectivas, de acordo com Maricato (2000, 2008): a primeira diz respeito à ausência de registros de terras desde o período colonial, não havendo informações concretas acerca de todas as propriedades do território brasileiro. Essa condição facilita àqueles que possuem poder aquisitivo agir além

das limitações da lei, ao mesmo tempo em que impõe dificuldades de acesso ao crédito para financiamento daqueles que sonham com a casa própria.

A segunda perspectiva é a de que o Estado não abarca toda a população que carece de amparo. O capital imobiliário se expande e com a alta valorização do preço da terra – geralmente impulsionado pela ação estatal com a implementação de infraestrutura, expulsa dessas localidades os que não tem recursos, que seguem desamparadas de políticas públicas. Nesse contexto, Souza (2020) destaca que os projetos irregulares de casas e pequenos edifícios se consagram enquanto único meio de acesso à moradia pelos mais pobres. A regularização fundiária é um processo caro, o que inviabiliza que as populações mais carentes financeiramente consigam regulamentar suas moradias, portanto “esta dicotomia entre legal e ilegal diz pouco sobre o que é formal e o que é informal, considerando a informalidade como um agente de formação de periferias” (Ibidem, p.19).

Em Viçosa, a expansão da malha urbana se deu sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980. Esse período foi marcado pela criação de diversos loteamentos pela cidade e intensa especulação das áreas centrais, amparada pelo Estado através da criação da Lei nº 609, que dispunha sobre a proibição de casebres no Centro. Essa lei desencadeou novas conformações espaciais com a expulsão da população de baixa renda para áreas à margem da cidade e nesse fluxo de busca pela estabilidade habitacional, é memorável que a cidadania é “também o direito de permanecer no lugar, no seu território identitário, o direito a seu espaço de memória” (VERÁS, 2001, p.33).

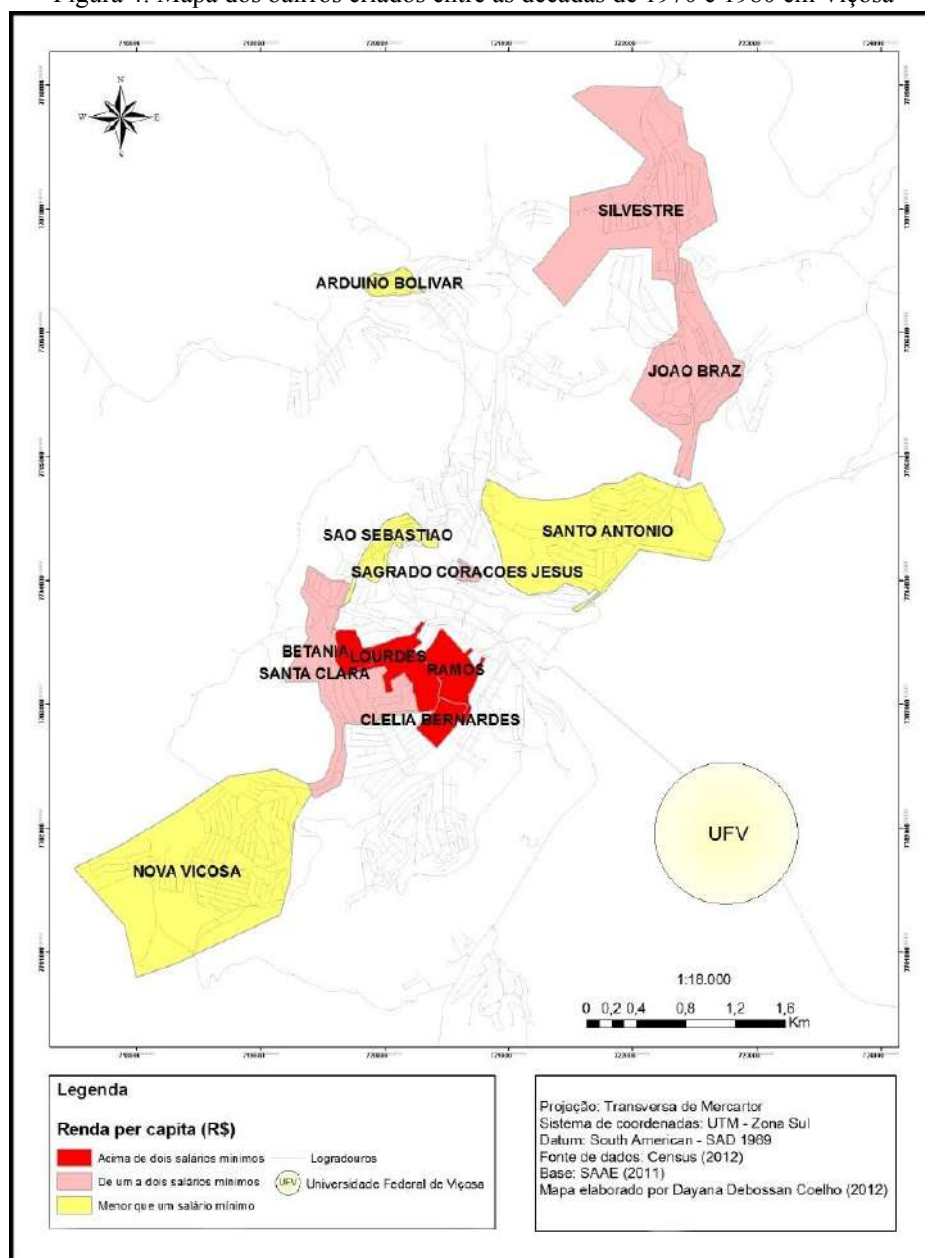
Durante as gestões do ex-prefeito Antônio Chequer o parcelamento do solo foi intenso, originando alguns bairros para atender à população de renda mais elevada e outros para atender à população de renda mais baixa. O crescimento urbano se deu com base na expansão dos bairros já existentes e incorporação de áreas rurais para construção de novos loteamentos (SILVA, 2014). Os loteamentos foram demarcados e comercializados junto à Construtora Chequer, para atender à demanda por habitação no município. As novas espacialidades urbanas viçosenses deram origem ao que hoje corresponde aos bairros: Amoras, Betânia, Clélia Bernardes, João Braz, Lourdes, Nova Viçosa, Ramos, Santa Clara, Santo Antônio e Silvestre (COELHO, 2013).

A diferenciação entre o nível socioeconômico dos bairros se deu sobretudo a partir da proximidade com o Centro (resguardadas as exceções do Silvestre e João Braz), implementação de infraestrutura e acesso à prestação de serviços nessas localidades. As periferias se originaram em áreas carentes de infraestrutura, sendo que as terras servidas, ou

seja, dotadas de aparatos urbanísticos, foram conquistadas através da ação popular, seja fazendo pressão contra o Estado, seja através da construção feita pelos próprios moradores.

A Figura 4 apresenta a localização dos bairros criados, assim como a caracterização da renda *per capita* de cada área no momento de sua origem. Em vermelho estão representadas áreas com população com renda acima de dois salários mínimos, rosa é entre um e dois salários mínimos, já o amarelo corresponde à renda *per capita* abaixo de um salário mínimo:

Figura 4: Mapa dos bairros criados entre as décadas de 1970 e 1980 em Viçosa



Fonte: COELHO (2013, p.27)

Além das ocupações criadas por via legislativa, em Viçosa alguns bairros surgiram sem quaisquer registros por parte do Estado. Esses bairros tem origem na demanda

habitacional e na ausência de recursos da população para aquisição de terrenos ou moradias em locais já estabelecidos. São os bairros Bom Jesus, Estrelas e Sagrada Família, que cresceram a partir da criação da Avenida Santa Rita e o bairro Carlos Dias, na área central (SILVA, 2014). Inclusive, ainda que não haja datação oficial para o surgimento do Carlos Dias, trata-se de uma periferia no Centro da cidade, cuja expansão foi impossibilitada pela Lei nº 609, mas que devido à organização de seus moradores não houve remoções na localidade (Ibidem).

Outra questão apontada por Silva (2014), é que entre as motivações apontadas para a necessidade de remoção dos moradores do bairro Carlos Dias na década de 1980, está a alegação feita pela prefeitura de que a área apresentava riscos aos moradores da localidade e do entorno devido à possibilidade de deslizamentos de terra, por se tratar da ocupação de um morro. Conquanto, a maioria dos loteamentos criados nesse período possuía entre suas áreas parceladas declividade acima de 30% (MELLO, 2002).

Essas áreas íngremes, quando ocupadas podem oferecer riscos à integridade da população, pois a partir do desmatamento⁵ se altera a cobertura do solo e dos padrões de drenagem. Esses acontecimentos se dão porque a retirada da mata reduz a infiltração da água no solo, que passa a ter o escoamento superficial acelerado, acrescido do fato que as construções tornam o solo impermeável e como a água não tem seu fluxo reduzido pela infiltração no solo, o escoamento é ampliado e junto dele a possibilidade de danos.

Outras questões envolvidas nesse processo são as elevadas chances de deslizamento e erosão, assim como a compactação do solo. Ainda que o risco seja real, não há justiça na expulsão dos moradores de uma localidade para outros bairros em que a situação se repita, onde o fator que se distingue é a distância do bairro com a zona central.

A união dos moradores, então, levanta a reflexão das periferias enquanto focos da resistência e reinvenção frente ao desamparo estatal. Locais onde se colidem e coincidem contradições, assim como sonhos e duras realidades, onde se constituem “redes de solidariedade e ajuda mútua. Solidariedade que não é entendida aqui por uma ótica romântica, utópica da palavra, desprovida de conflitos, mas como algo que constitui-se pelo auxílio mútuo entre seres humanos, propícios a desacordos e a ofensas” (LEITE, 2014, p. 64).

⁵ Em 1868 se encontravam muitas áreas com a presença da mata de médio porte na microbacia do Córrego da Conceição, que na época era o responsável pelo abastecimento de água na cidade. Os bairros que surgiram décadas depois e em que essa situação ocorreu foram: Betânia, Bom Jesus, Clélia Bernardes, Estrelas, Fátima, Maria Eugênia, Sagrada Família, Santa Clara e São Sebastião. (MELLO, 2002)

A exemplo dessa ação coletiva como meio de enfrentamento à precariedade, tem-se o bairro Nova Viçosa. Em sua origem não havia qualquer tipo de infraestrutura que possibilitasse o caracterizar como área urbana, eram nítidas as marcas rurais das fazendas que fora outrora, sem disponibilidade de serviço de água ou rede elétrica, assim como ausência do transporte público (COELHO, 2013). Apesar de sua origem datada de 1978, apenas em 1984 se iniciou a construção da escola e do calçamento, sendo que este foi realizado através da compra de materiais pela prefeitura e a sua instalação feita pelos moradores através de mutirões (Ibidem).

Infelizmente a precariedade da disponibilidade de infraestrutura e acesso à serviços em áreas periféricas é uma das marcas da urbanização em Viçosa e igualmente em outras localidades. Todavia, apesar da definição de periferia ser de que esta “seria composta pelos distritos onde mais de 20% dos domicílios tinham renda *per capita* de até meio salário mínimo” (D’ANDREA, 2020, p.27), prender-se a essa marca conceitual mascara que esses são inclusive espaços de potência e cultura, com compartilhamento de um modo de estar no mundo. E de acordo com o “Manifesto Periférico: Pela lei de fomento à periferia”, compreende-se como periferia o

espaço urbano geograficamente identificável, abrigo das classes trabalhadoras brasileiras, da maioria da população negra, indígenas urbanos e imigrantes e cujos traços culturais são entoados pela heterogeneidade resultante do encontro (nem sempre pacífico) desta convivência multicultural atravessada pela desigualdade social. Periferia, não por acaso, substantivo feminino no qual se inscreve a história corrente de inúmeras mulheres. Museu sem teto ou paredes, bolsões de expressões ancestrais, tradicionais e experimentações inovadoras, cuja geografia é território, marca identitária e também espaço de exclusão econômica, com excesso de polícia e ausência de políticas públicas que procurem agir na resolução das consequências de um processo histórico de brutalidades sociais, desigualdades e injusta distribuição de riquezas. O termo PERIFERIA convocado neste manifesto representa um ato político. Assumi-la como marca identitária significa evidenciar as disparidades sociais, econômicas, geográficas e culturais historicamente impostas, assim como, neste contexto, considerar a desproporção de verbas públicas destinadas à produção cultural das quebradas. (MANIFESTO PERIFÉRICO: PELA LEI DE FOMENTO À PERIFERIA, 2014, n.p.)

Para Kazan (2020), a definição de periferia constitui-se como um processo contestatório, onde não é possível a presunção de que todos os seus moradores irão se reconhecer como sujeitas e sujeitos periféricos, entre eles estarão aqueles que irão se reconhecer enquanto trabalhadores. Muito além disso, as vivências são particulares e carregadas de significado a partir de características como gênero, raça, geração e outras, incitando a importância de reconhecer as estruturas de poder e vínculos políticos, buscando

dar voz a sujeitos periféricos para que estes apresentem suas identidades, por vezes não assumidas.

Por conseguinte, o surgimento das periferias carregam entre si enlace de características, pois se originam a partir da demanda por habitação. Alguns desses bairros surgem para atender à população de classe mais elevada, sendo que as localidades podem ser escolhidas em pontos distantes da área central, reproduzindo a auto-segregação ou mesmo em áreas mais próximas do Centro, como meio de manutenção da facilidade de acesso aos serviços para as elites. Em outros casos, a periferia surge através da segregação imposta, implementadas em áreas cuja distância da área central seja considerável e se apresentando como a única alternativa para acesso à moradia para populações de renda menos elevada.

Todavia, no decorrer do tempo e das diferentes dinâmicas de apropriação do espaço, esses locais vão se alterando e bairros que inicialmente surgem para atender a demanda de classes mais ricas, podem passar a se tornar destino de populações de baixa renda. Em Viçosa um exemplo desse fluxo de transformações socioeconômicas em um bairro é o Santa Clara, que tem sua origem associada à expansão da população de classe média e alta, mas que devido à demanda social por habitação e sua proximidade com o Centro, rapidamente teve sua urbanização redirecionada ao acolhimento de classes menos privilegiadas economicamente. No próximo capítulo será abordado o Santa Clara desde sua gênese, assim como realizada a caracterização demográfica de suas moradoras e apresentação de vivências de algumas delas, com notas obtidas através da realização de entrevistas.

Capítulo II: O bairro Santa Clara

II.I Da gênese do bairro aos “dois” Santa Clara

Entre os muitos loteamentos criados entre os anos 1970 e 1980, está o bairro Santa Clara. Este foi criado a partir da Lei nº 241 em 23 de setembro de 1977 e assim como em outras localidades, sua origem se deu em decorrência do aumento da população com renda e a demanda por habitação, associada à expansão universitária (Honório, 2012). Tal como colocado por Mello (2002) e explicitado na fotografia abaixo (Figura 5), a área do bairro era coberta por vegetação e, seguindo as características geomorfológicas regionais de mar de morro, apresenta intensa declividade.

Figura 5: Área onde foi construído o bairro Santa Clara (não datado) ⁶



Fonte: MELLO (2002, p.77)

Com o aumento da demanda por habitação em Viçosa, um dos agentes que iriam interferir na mudança foi a Construtora Chequer, que ficou à frente do processo de parcelamento do bairro, criando o loteamento. Cabe salientar que nas cidades "(...) a moradia é uma mercadoria especial. Ela demanda terra, ou melhor, terra urbanizada, financiamento à produção e financiamento para a venda" (MARICATO, 2008, p.118). Isto é, faz-se necessário

⁶ Grifo realizado por MELLO (2002).

que o processo de urbanização acompanhe o de instalação de rede de esgoto, água, energia elétrica, recolhimento de lixo, haja escolas e creches, unidades de saúde, locais de lazer, enfim condições que de fato possibilitem a reprodução da vida nessas áreas, assim como a regularização fundiária, o que permite aos moradores acesso ao crédito para a realização das construções ou aquisição de imóveis.

Durante as vendas dos lotes, a Construtora Chequer fez intensa campanha em jornais locais e nacionais apresentando os loteamentos criados, tal como o anúncio do Jornal Integração de 1976 (*apud* Coelho, 2013, p.84): “a Construtora ao anunciar a venda de lotes nos bairros João Braz e Santa Clara em 1976 afirmou que era a única empresa que entregava lotes com luz, água, calçamento e esgoto”. Na sequência há uma imagem (Figura 6) que apresenta o começo do loteamento Santa Clara, assim como a expansão do Fátima e do Betânia, no ano de 1978:

Figura 6: Início do loteamento do bairro Santa Clara em 1978⁷



Fonte: MELLO (2002, p.58)

Devido à sua proximidade com o Centro, rapidamente os lotes do bairro foram sendo vendidos e ocupados. A primórdio o Santa Clara foi criado para atender às pessoas de renda mais elevada, sua ocupação se deu em áreas onde a declividade do terreno não era tão

⁷ Marcações realizadas por MELLO (2002).

acentuada, todavia sua expansão foi rápida e a partir da década de 1980 há a expansão oficial dos limites do bairro para trechos de terreno mais íngreme. Esse segundo momento marca a chegada da população de renda mais baixa na localidade. No local, o novo fluxo de migrantes chegou junto da segregação, que para além das diferenças visualmente perceptíveis, criou barreiras simbólicas, assim como novas nomenclaturas em Santa Clara.

Em sua formação o bairro contava com as ruas José Euclides Santana, Padre Horário Borges e Sofia Bernardes. Pouco tempo depois, de acordo com a Câmara Municipal de Viçosa (2017b, n.p.), em 1984, o bairro é acrescido das ruas Adezílio Bicalho, Dona Dalica Pires, Padre Francisco José da Silva, Raul de Campos, parte da Avenida Juscelino Kubitschek e a Praça Fernando Vidigal. Esse momento marca a expansão para as áreas com maior declividade.

Com a expansão do bairro, é iniciada a distinção socioeconômica local. A partir de então, o Santa Clara popularmente passa a ser dividido em dois bairros, o Santa Clara de Baixo e o Santa Clara de Cima, com variações nominais como Baixo Santa Clara e Alto Santa Clara. A diferenciação das partes se dá sobretudo a partir do uso e ocupação do solo, pois tal como mencionado, no decorrer da urbanização do bairro, as diferentes classes econômicas foram gestando materialidades variadas e em conformidade, as ações desenvolvidas pela PMV na provisão de aparatos urbanísticos contribuíram para o aumento da diferenciação.

O Baixo Santa Clara corresponde às ruas onde se originou a urbanização local. As construções apresentam um padrão típico da classe média viçosense, com bom acabamento das casas e que comumente possuem jardins ou varandas na fachada dos imóveis, fechadas por cercas ou muros. A parte Baixa é ainda bem servida de infraestrutura, com bom calçamento das ruas, oferta de serviço público de transporte, boa distribuição das redes de água e esgoto, assim como da coleta de lixo.

Figura 7, 8, 9 e 10: Parte do Santa Clara de Baixo (2022)





Fonte: Acervo pessoal (2022)

O Alto corresponde às áreas de expansão do bairro, localidade que coincide com a elevação do relevo. É onde predomina a presença de construções inacabadas ou mais simples, com casas que possuem também varandas na frente, apesar da maioria das fachadas serem diretamente ligadas à rua. Nessa parte a disponibilidade infraestrutural é por vezes precária, com ruas em que o calçamento é feito com pedras ao invés de asfaltamento ou bloquetes, o serviço de transporte público não alcança todas as localidades, e o abastecimento de água em períodos de seca apresenta falhas na distribuição (SILVA, 2014).

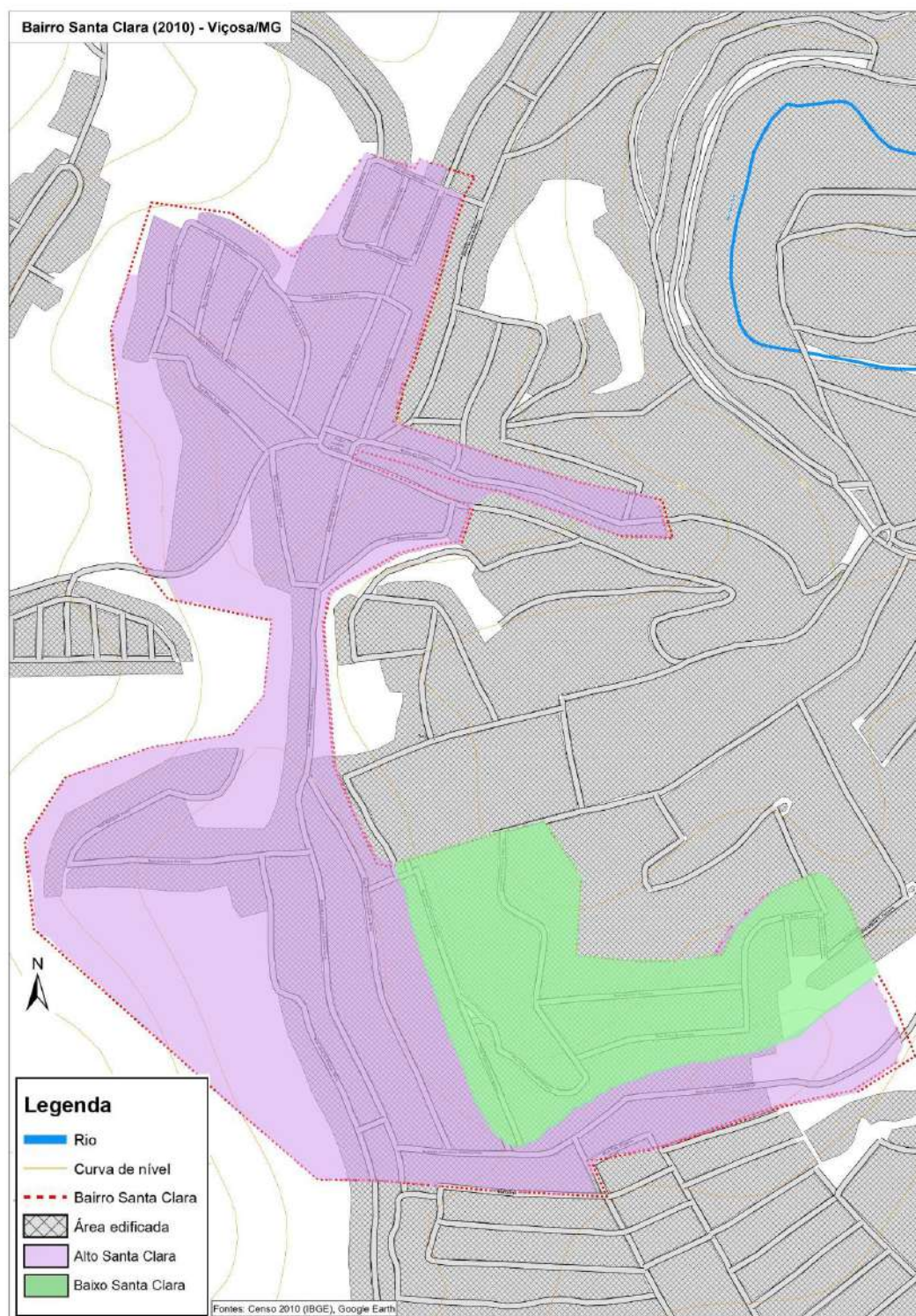
Figuras 11, 12, 13 e 14: Parte do Alto Santa Clara (2022)



Fonte: Acervo pessoal (2022)

O mapa abaixo, Figura 15, representa a divisão entre as duas partes do bairro.

Figura 15: Mapa da divisão entre Alto Santa Clara e Baixo Santa Clara



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Um elemento característico da divisão entre as duas partes do bairro é a geomorfologia. Viçosa se localiza no domínio dos mares de morros, então o relevo é fortemente acidentado e a distinção de altimetria é referida na nomenclatura através de “Alto” e “Baixo”. No município o relevo montanhoso compõe 85% de seu território, seguido por 12% de ondulado e apenas 3% de plano, trata-se de uma área fortemente acidentada (MARIA, FARIA, STEPHAN, 2014). Predomina-se os gnaisses como rocha matriz, que assim como em outras rochas, entre os níveis de decomposição encontram-se os solos residuais jovens, os saprolitos (MELLO, 2002).

Esse horizonte do solo, o residual jovem, é composto principalmente por areia e silte, frações que não possuem grande plasticidade, ou seja, quando em contato com a água se esfrelam e cedem. No meio natural, esse horizonte encontra-se coberto pelas camadas superiores do solo e em decorrência oferece baixos riscos de deslizamento, contudo para a criação de casas e loteamentos, são retiradas partes das camadas do solo, constituindo os chamados “barrancos”, o que faz com que o solo residual fique exposto e, então, tenha maiores chances de deslizamento. Essa é uma questão que se faz presente em diversos bairros viçosenses⁸ (Ibidem).

A relação que se estabelece entre as características geomorfológicas e as ações humanas, resulta então em uma interação conflituosa que gera riscos à vida humana nessas áreas. Com a alta declividade dos terrenos, exposição de solos residuais jovens, aliada à ausência de vegetação e impermeabilidade do solo, as chances de que ocorram desmoronamentos são muito altas. No bairro Santa Clara há registros de desmoronamento ao longo dos anos, alguns deles são: 1988, 2007 e 2009, que acabaram por atingir casas e desabrigar famílias (ROQUE, 2014).

Quando elencados os pontos com risco de movimentação de massa, o bairro possui três áreas com risco nível 2 e cinco áreas com risco nível 3. O grau 2 representa situações de médio risco, cuja combinação do relevo e ação humana geram instabilidade no terreno. Em função disso, em tais áreas começam a surgir rachaduras ou rebaixamentos, situação reversível, mas que se agrava com as chuvas. Já o grau 3, demarca situações de alto risco, quando a instabilidade alcançou estágios avançados e com grande potencial de deslizamento,

⁸ Entre os bairros que apresentam chances de deslizamentos em decorrência das alterações, têm-se: Amoras, Bom Jesus, Centro (na rua Milton Bandeira e av. Marechal Castelo Branco), Estrelas, Fátima, João Braz, Nova Era, Nova Viçosa, Sagrada Família, Santa Clara, Santo Antônio e São Sebastião (MELLO, 2002)

nesses casos surgem rachaduras nas casas e inclinam-se torres, por exemplo (Ibidem). Um caso de movimentação de massa recente no bairro é a Av. Juscelino Kubitschek (Figura 16):

Figura 16: Rebaixamento do terreno na Av. Juscelino Kubitschek (setembro de 2022)



Fonte: Acervo pessoal (2022)

A respeito das moradias, é importante rememorar a disparidade social do bairro. Em sua parte baixa as construções demonstram um padrão populacional de classe média, que em outras localidades tornam-se apenas pontos isolados. No Alto Santa Clara havia os *predinhos*, um conjunto de seis construções projetadas na época do BNH, cada qual para atender uma família e que foram abandonadas, não havendo relatos sobre as motivações de mudança (FARIA 2018). No fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, essas casas foram novamente ocupadas, mas dessa vez por pessoas de baixa renda que estavam desabrigadas. Não havia água e luz regularizados, sendo que o fornecimento era instável e feito a partir de arranjos criados pelos novos moradores, que transformaram cada um deles em moradia de duas ou três famílias (Ibidem).

Em entrevistas realizadas com ex-moradoras dos *predinhos*, Faria (2018) apresenta relatos de que as casas eram muito cheias. Uma das entrevistadas sonhava com o dia de sair de lá, outra gostava por ser vizinha de seus familiares. Contudo é consenso a precariedade da infraestrutura, que dentre outros problemas, contava com rachaduras e ausência de

privacidade. Os moradores eram estigmatizados por pessoas de fora, inclusive por muitos vizinhos, que não conheciam a realidade precatória que acometia as famílias. Destaca-se que diferentes administrações municipais tinham ciência da situação e que ainda assim demorou muito para ser resolvida. O último predinho (Figura 17) foi demolido em 2016, após o falecimento do último morador que se recusou a sair e mudar para as habitações populares.

Figura 17: O último predinho do bairro Santa Clara, 2016



Fonte: Faria (2018, p.164)

Tendo em consideração a oferta de serviços no bairro, de acordo com a Câmara Municipal de Viçosa (2007, 2017c, 2017d), foi autorizada em 1990 a construção de uma escola para atender as crianças do bairro, com oferecimento das séries iniciais do ciclo básico, de 1ª a 4ª série. O terreno para construção da escola foi comprado no ano de 1991, já o terreno para a construção da creche foi comprado em 1998. Apesar de não se tratar de uma divisão oficial, os dois Santa Clara, no texto da Lei nº 780/91, que trata da aquisição do terreno da escola, apresenta a localidade como Alta Santa Clara (Idem, 2017d). Uma conquista relevante para as famílias do bairro foi a mudança da creche do bairro para a Praça de Esportes da Prefeitura de Viçosa, construída de acordo com os critérios do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) (PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA, 2017).

A presença de escolas e creches no bairro é fundamental para a garantia do acesso à escolaridade, fortalecimento dos vínculos das crianças com o espaço e por oferecer meios para que os pais ou responsáveis possam ter acesso ao mercado de trabalho, por terem com quem deixar as crianças. A provisão da educação pública e de qualidade no bairro é um direito fundamental, pois junto da prestação de outros serviços é um meio de assegurar a

qualidade de vida e que vai contra a tendência do exílio periferia⁹. Esse se refere ao isolamento dos moradores de áreas periféricas pela inacessibilidade de lazer, transporte, educação e prestação de outros serviços, que constantemente se concentram em áreas centrais ou valorizadas.

II.II O perfil demográfico das moradoras e a interseccionalidade

Para a análise demográfica do bairro Santa Clara, serão considerados os dados da ONG Census (2014), do Censo do IBGE (2010), respostas obtidas com a aplicação de 38 questionários no bairro (2017) e entrevistas semiestruturadas realizadas com dez mulheres residentes de diferentes ruas do Santa Clara (2022), cujo roteiro encontra-se no Anexo 1. As informações de densidade domiciliar, chefe familiar, alfabetismo, renda e raça serão apresentadas e no final do subcapítulo há a discussão acerca dos dados obtidos a partir da perspectiva interseccional.

Os dados do Censo 2010, o último realizado, foram expostos a partir dos setores censitários¹⁰, que são um tipo de organização adotada pelo IBGE para que sejam agrupadas as informações obtidas. No presente estudo eles foram representados em mapas para melhor visualização e como nomenclatura adotou-se a classificação de I a V, ainda que essa não corresponda à oficial da entidade estatal. Cada setor então equivale à seguinte agrupação:

O setor I corresponde à Rua Morro do Cruzeiro e Rua Nhanhá Simonini, trata-se de um setor que agrupa também áreas do bairro Lourdes. O setor II é a extremidade norte do bairro, com as Ruas José Schitini Rubim, Rua Bernardino Francisco Costa, Rua José Sabino Alves, Rua Francisco Ferreira de Paula e Rua Chico Mendes.

O setor III é composto pelas Ruas José Dias do Carmo, Rua Gabriel Brumano, Rua Otávio B. Coelho, Rua Ivonete Lentine, Rua José S. Lima, Rua José Guimarães Souza, Rua José Zaidan, Praça Levindo Coelho, Rua Francisco D. Fontenele, parte da Avenida das Arábias e parte da Avenida Juscelino Kubitschek.

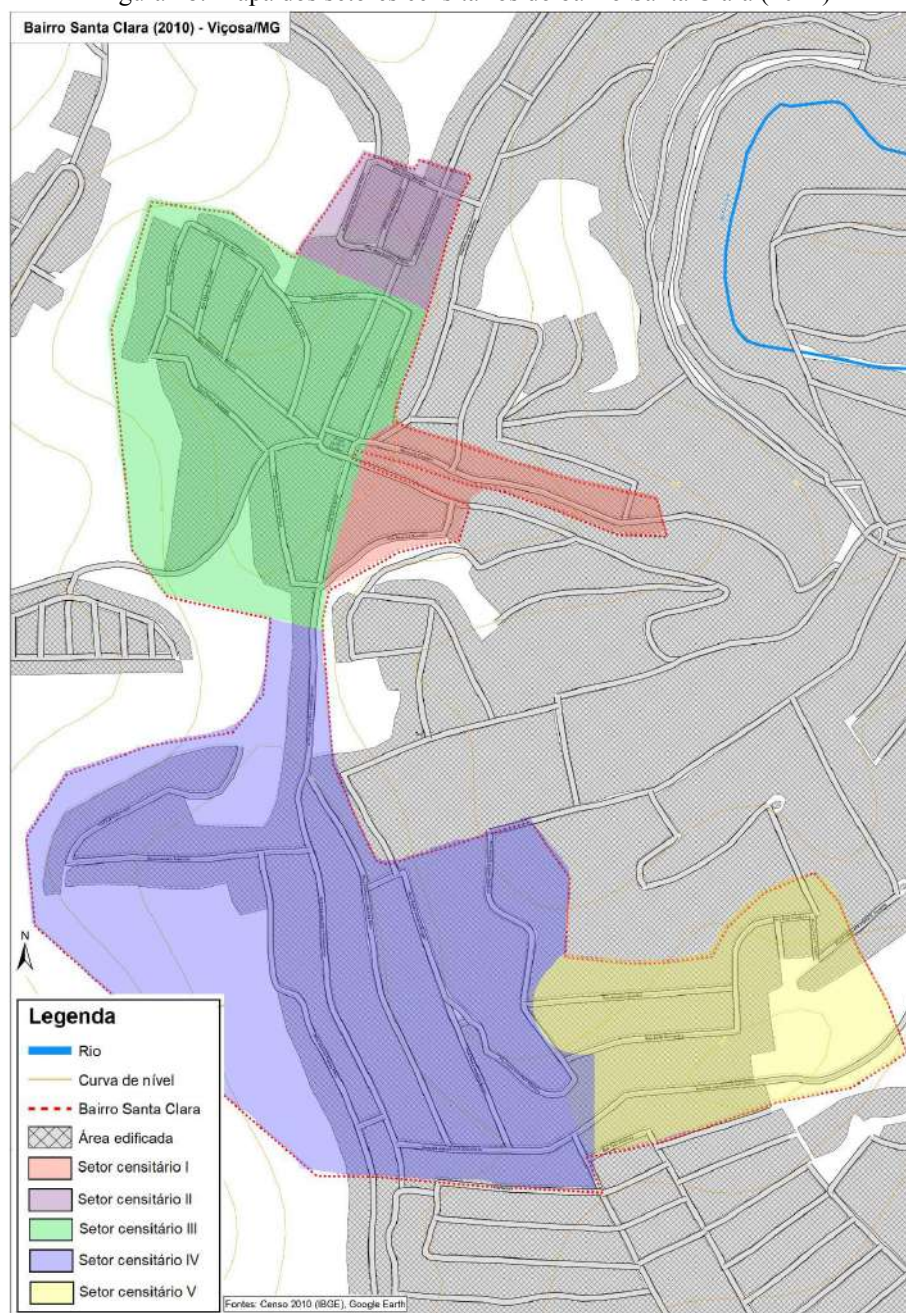
O setor IV refere-se à continuidade da Avenida Juscelino Kubitschek, Rua Ezequiel Pinto, Rua Joaquim Andrade, Rua José de Freitas Filho, Rua Francisco José da Silva, Rua Padre Horácio Borges, Rua José Euclides Santana. O último setor, o V, corresponde à parte final da Avenida Juscelino Kubitschek (Av. JK), Rua Adezílio Bicalho e Rua Sofia Bernardes.

⁹ Para mais, buscar: SANTOS, M. Metrópole corporativa fragmentada. São Paulo, Nobel, 1990.

¹⁰ “O setor censitário é a unidade territorial estabelecida para fins de controle cadastral, formado por área contínua, situada em um único quadro urbano ou rural, com dimensão e número de domicílios que permitam o levantamento por um recenseador.” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 2011, n.p.)

A parte do Alto Santa Clara enquadra os setores I, II, III por completo e parte do setor IV, correspondente às ruas Ezequiel e Joaquim Andrade, que estão ligadas à Avenida JK. A parte Baixa do Santa Clara é compreendida pelos setores IV e V. No que concerne às entrevistas realizadas, ao categorizar os locais das residências com base nos setores censitários, obtém-se: setor I: uma moradora; setor II: duas moradoras; setor III: três moradoras; setor IV: duas moradoras; setor V: duas moradoras. O mapa a seguir, Figura 18, apresenta a localização de cada setor censitário de acordo com a nomenclatura adotada no presente estudo:

Figura 18: Mapa dos setores censitários do bairro Santa Clara (2022)



Fonte: Acervo pessoal (2022)

De acordo com o relatório da ONG Censur (2014), os moradores do bairro eram compostos por 2.656 homens e 2.966 mulheres, valores correspondentes a 7,92% da população total de Viçosa. Entre as 1.548 residências do bairro, tem-se como média a densidade domiciliar de 3,63, a segunda mais elevada da cidade, enquanto no Centro se registra apenas 2,86, a menor taxa. A Tabela 2 apresenta o número de moradores em cada domicílio do bairro Santa Clara em 2013, data de realização do levantamento:

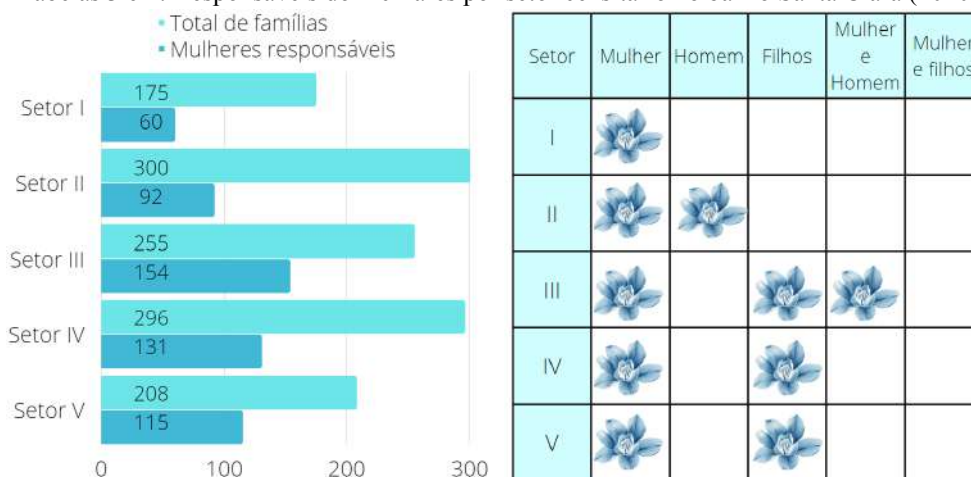
Tabela 2: Número de moradores por domicílio no bairro Santa Clara (2013)

REGIÃO URBANA DE PLANEJAMENTO	NÚMERO DE MORADORES POR DOMICÍLIO (%)						TOTAL
	1	2	3	4	5	6 ou mais	
Santa Clara	6,29%	18,29%	28,57%	25,71%	9,14%	12,00%	100,00%

Fonte: Adaptado de ONG Censur (2014, p.46)

Ao considerar os chefes familiares, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) afirma que entre os anos de 1995 e 2015 às famílias chefiadas por mulheres aumentaram, em especial as famílias chefiadas por mulheres negras (Ibidem, 2015). De acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2012) do total de 22.748 famílias viçosenses, 8.216 eram chefiadas por mulheres, o que representa a taxa de 36% para o município. Já no bairro Santa Clara, esse valor tem alterações que alcançam a marca de 60% das famílias no setor III, 45% no setor V, 44% no setor IV, 32% no setor I e 31% no setor censitário II. As informações obtidas com o Censo (2010) e com as entrevistas (2022) estão organizadas em tabelas (Tabelas 3 e 4). O questionário de 2017 não pode ser analisado por insuficiência de informações.

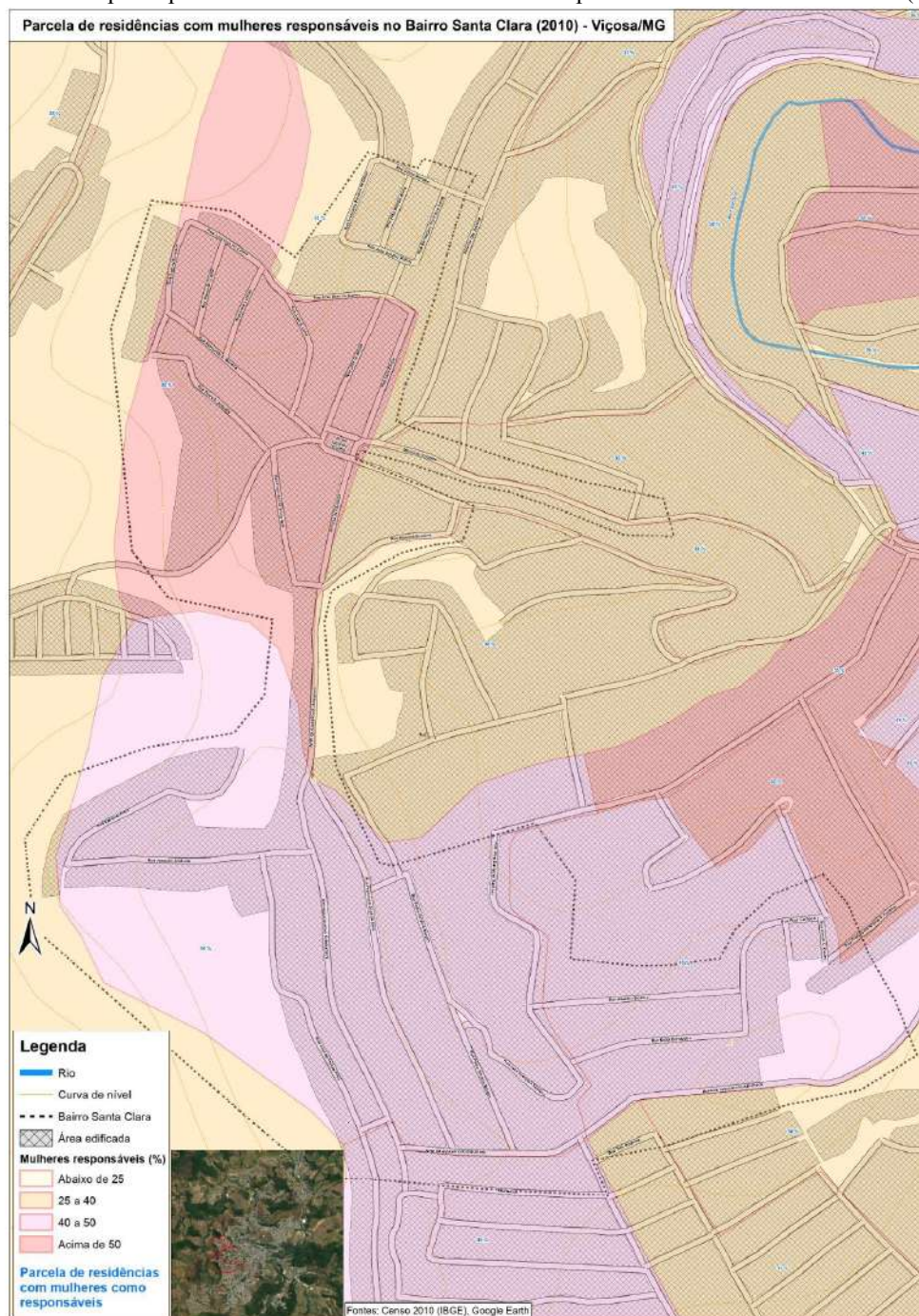
Tabelas 3 e 4: Responsáveis domiciliares por setor censitário no bairro Santa Clara (2010 e 2022)



Fontes: IBGE (2010) e entrevistas (2022) (respectivamente)

Apresentar que uma família é chefiada por mulher não significa que nela não há presença masculina, entretanto as famílias compostas apenas por mãe e filhos podem enfrentar maiores dificuldades econômicas em decorrência da renda média feminina ser menor do que a masculina, fator que especialmente incide na vida de mulheres negras (FONTOURA, REZENDE, 2015). Na Figura 19 está a taxa de residências de chefia feminina:

Figura 19: Mapa da parcela de residências com mulheres responsáveis no bairro Santa Clara (2010)



Fonte: IBGE (2010)

No tocante ao analfabetismo no país, o IPEA assinala que em 2015 entre as mulheres brancas com 15 anos ou mais, apenas 4,9% eram analfabetas, enquanto as negras alcançavam a taxa de 10,2%. Em Viçosa, no Censo IBGE (2010), havia 872 pessoas brancas acima de 15 anos não alfabetizadas, sendo que na mesma faixa etária, quando analisados os pardos, passa a ser de 1.488 pessoas e os pretos correspondem a 828 pessoas. Referente ao tempo de estudo,

Entre 1995 e 2015, duplica-se a população adulta branca com 12 anos ou mais de estudo, de 12,5% para 25,9%. No mesmo período, a população negra com 12 anos ou mais de estudo passa de inacreditáveis 3,3% para 12%, um aumento de quase 4 vezes, mas que não esconde que a população negra chega somente agora ao patamar de vinte anos atrás da população branca. (FONTOURA, REZENDE, 2015, p.2)

No bairro Santa Clara, de acordo com o Censo (2010), a menor taxa de alfabetização é do setor III, com 86,2%, enquanto a maior é encontrada no setor V com 94,4%. O que representa 8,2% de discrepância entre os dois setores censitários. Na sequência estão os dados das entrevistas (2022) e dos questionários (2017) em tabelas (Tabela 4 e Tabela 5):

Tabela 5: Taxa de alfabetização por setor censitário de acordo com as entrevistas (2022)

Sector	EF In	EF C	EM In	EM C	ES In	ES C
I						
II						
III						
IV						
V						

Legenda:

EF In: Ensino Fundamental Incompleto
 EF C: Ensino Fundamental Completo
 EM In: Ensino Médio Incompleto
 EM C: Ensino Médio Completo
 ES In: Ensino Superior Incompleto
 ES C: Ensino Superior Completo

Fonte: Entrevistas (2022)

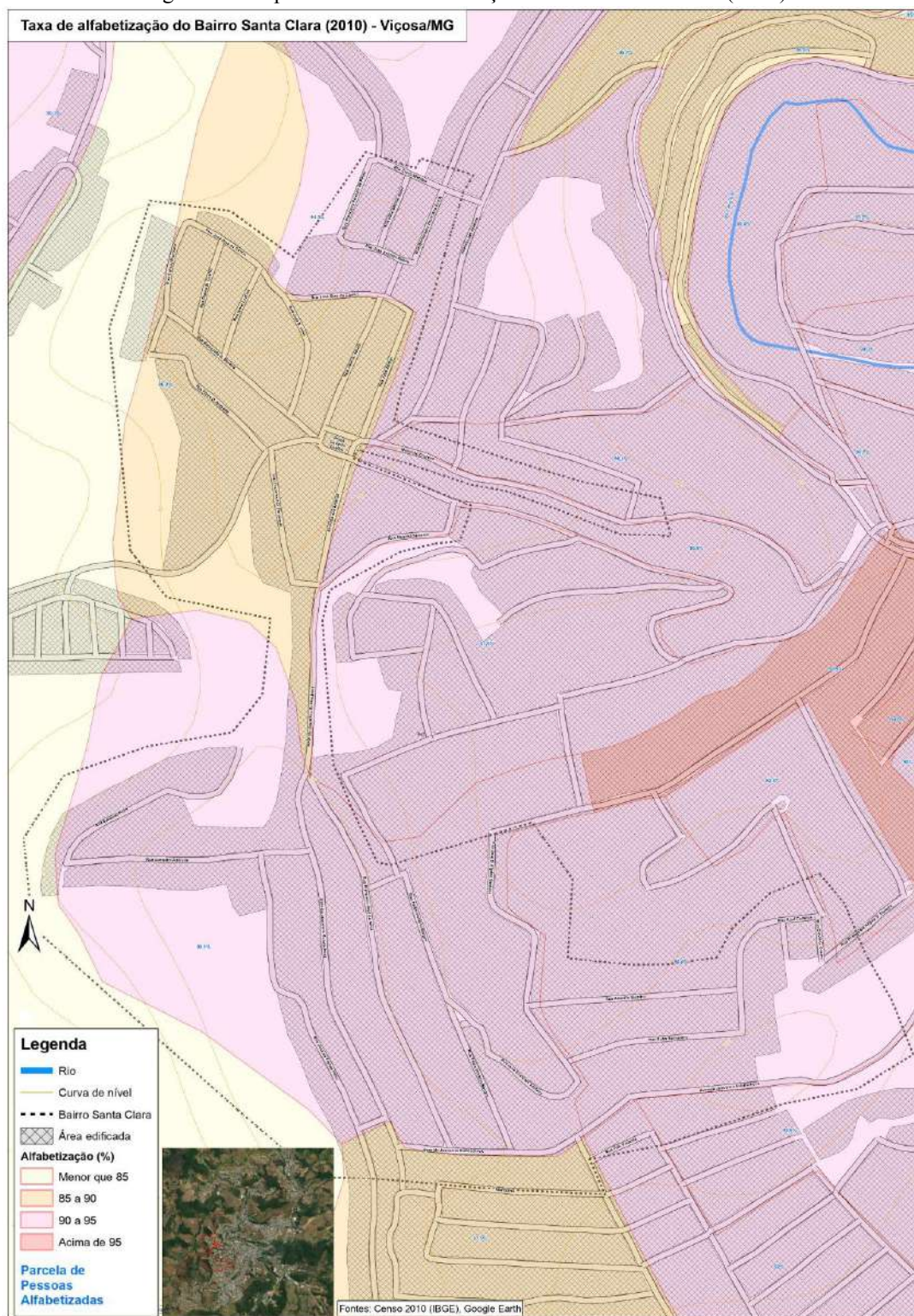
Tabela 6: Taxa de alfabetização por setor censitário de acordo com os questionários (2017)



Fonte: Questionários (2017)

Abaixo está apresentada a Figura 20, um mapa das taxas de alfabetização do bairro:

Figura 20: Mapa da taxa de alfabetização do bairro Santa Clara (2010)



Fonte: IBGE (2010)

No que concerne ao rendimento familiar, na sequência histórica nacional, houve melhoria na renda feminina, “entre as mulheres negras, por exemplo, 46,7% não possuíam

renda própria em 1995, comparados a 27,3% em 2015. Esta redução possivelmente se deve à ampliação do acesso a benefícios assistenciais especialmente por parte das mulheres” (FONTOURA, REZENDE, 2017, p.4). No bairro Santa Clara, de acordo com a ONG Censur (2014), a diferença salarial entre homens e mulheres está em torno de 30%, pois a média salarial masculina é de R\$ 1.165,87 e a feminina de R\$ 809,47. Com os dados do IBGE (2010) foi criada a Tabela 7, a partir dos dados obtidos nas entrevistas (2022) a Tabela 8 teve origem, ambas apresentadas a seguir:

Tabela 7: Faixa salarial dos moradores do bairro Santa Clara (2010)

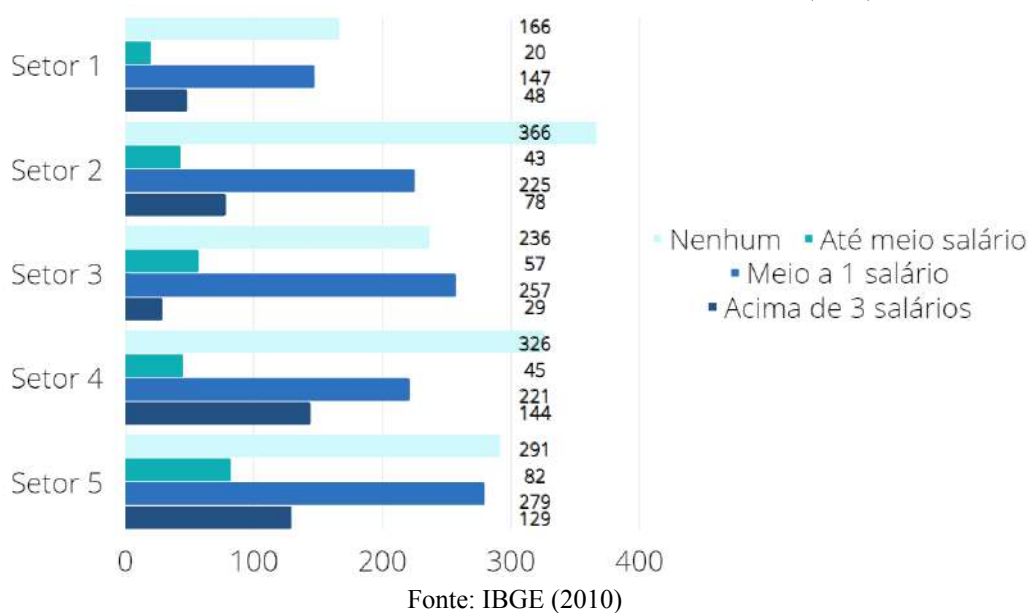


Tabela 8: Renda domiciliar do bairro Santa Clara (2022)

Sector	Aé meio salário mínimo	Meio a um salário mínimo	Dois salários mínimos	Acima de três salários
I				
II				
III				 
IV				
V			 	

Fonte: Entrevistas (2022)

Ressalta-se que a renda domiciliar é diferente da renda *per capita*. A primeira considera todos os rendimentos dos moradores da residência, enquanto a segunda considera apenas os valores por pessoa. Na tabela acima representada, com os dados obtidos nas entrevistas, estão considerados os valores totais, por isso foram assinalados tantos resultados acima de três salários mínimos.

Para fins de comparação com os dados do Censo (2010), será feito o cálculo de renda per capita para cada residência entrevistada. Para a realização do cálculo é somado o rendimento total e este é dividido pela quantidade de moradores, considerando as pessoas que trabalham e as que são dependentes também. Nas tabelas abaixo (Tabela 9 e Tabela 10) estão o total de residentes por domicílio entrevistado (2022) e a renda per capita em cada caso.

Tabela 9: Residentes por domicílio entrevistado no Santa Clara (2022)

Setor	Entrevistada I	Entrevistada II	Entrevistada III
I	2 moradores 1 pessoa trabalha	-	-
II	3 moradores 3 pessoas trabalham	4 moradores 3 pessoas trabalham	-
III	1 moradora Aposentada	9 moradores 4 pessoas trabalham	3 moradores 2 pessoas trabalham
IV	2 moradores 1 pessoa trabalha	4 moradores 4 pessoas trabalham	-
V	6 moradores 2 pessoas trabalham	3 moradores 1 pessoa trabalha	-

Fonte: Entrevistas (2022)

Tabela 10: Renda *per capita* das residências entrevistadas (2022)

Setor	Aé meio salário mínimo	Meio a um salário mínimo	Um a dois salários mínimos	Acima de três salários
I				
II				
III				
IV				
V				

Fonte: Entrevistas (2022)

No bairro é encontrada uma das maiores taxas de densidade domiciliar da cidade, entre o total de moradias, em 12% delas residem mais de 6 pessoas (CENSUS, 2014). Desse modo, ainda que haja trabalhadores com renda elevada, no contexto familiar poderá haver impactos em decorrência da quantidade de dependentes. O relatório da ONG Census (2014) conta com uma tabela (Tabela 11) que apresenta as rendas total e *per capita*, assim como as taxas de apropriação de renda da população mais pobre e mais rica do bairro:

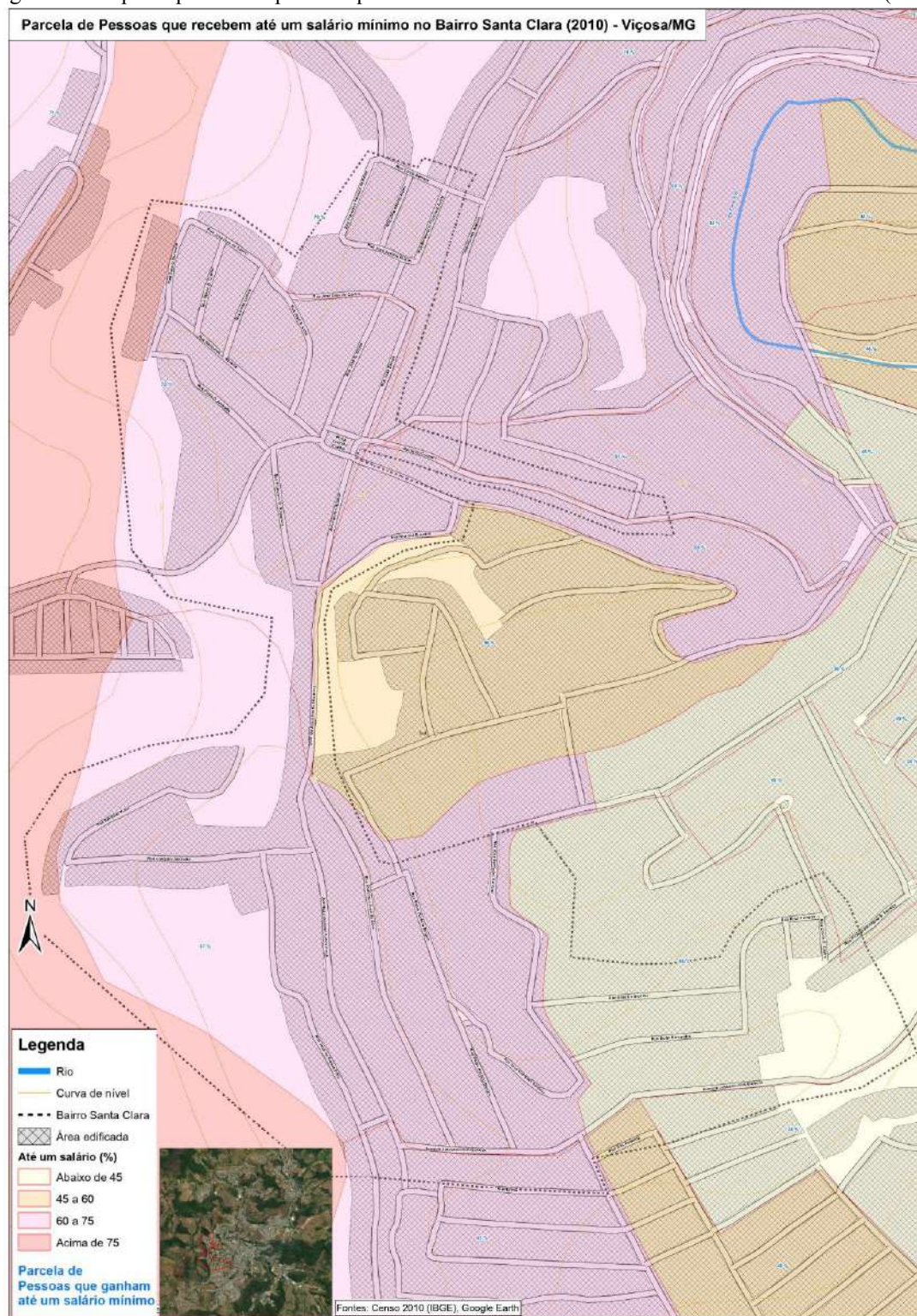
Tabela 11: Indicadores de renda do bairro Santa Clara (2013)

REGIÃO	Renda Familiar		Apropriação da renda (%)	
	Renda Média	Per Capita	20% mais pobres	20% mais ricos
Santa Clara	2.074,15	577,76	9,60%	45,13%

Fonte: Adaptado de ONG Census (2014, p.54)

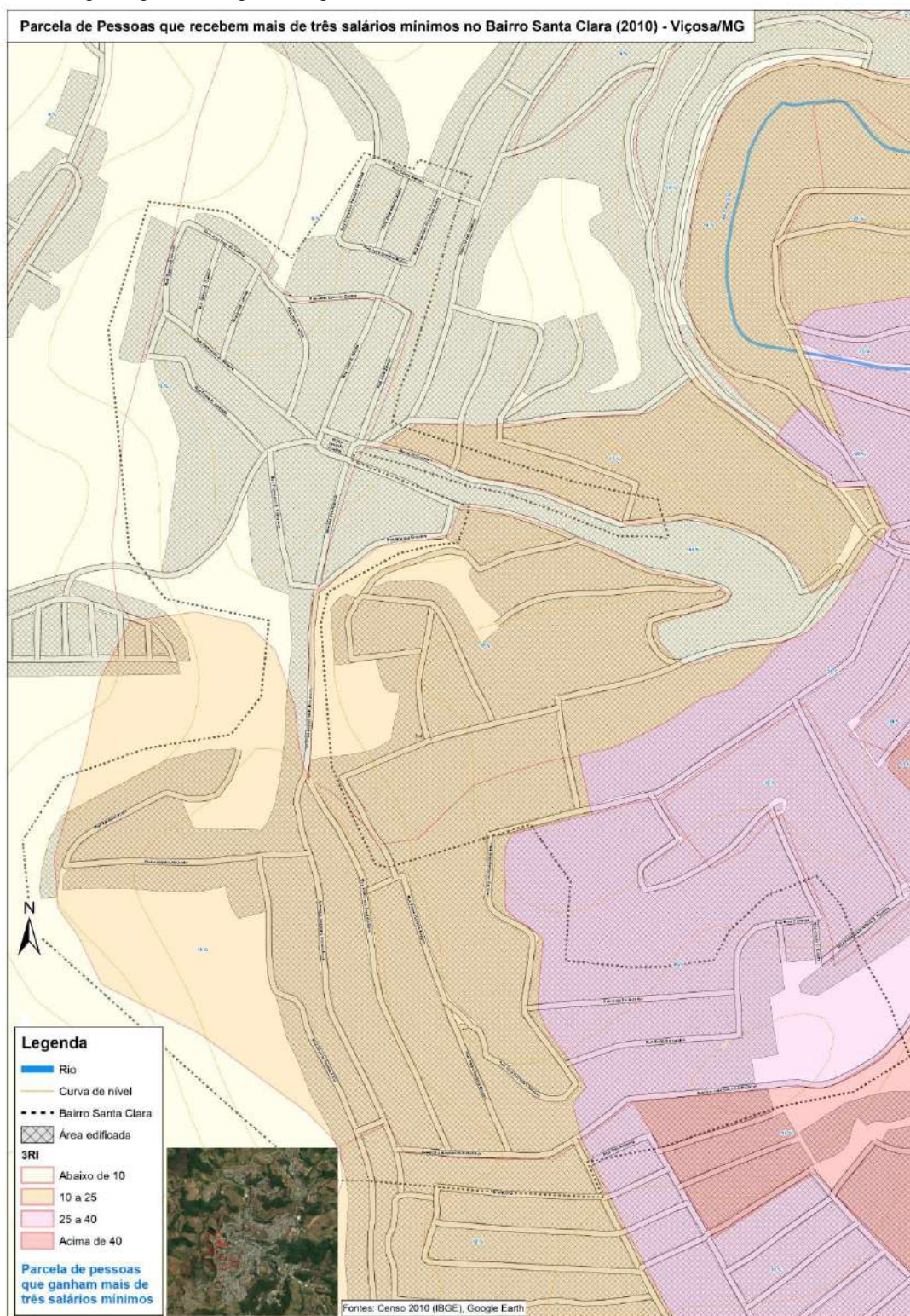
Na Figura 21 está representada a parcela populacional que recebe até um salário mínimo no bairro, já a Figura 22 simboliza as pessoas que tem renda acima de três salários mínimos no bairro, sendo as duas figuras elaboradas em consonância com as informações do Censo IBGE (2010):

Figura 21: Mapa da parcela de pessoas que recebem até um salário mínimo no bairro Santa Clara (2010)



Fonte: IBGE (2010)

Figura 22: Mapa da parcela de pessoas que recebem mais de três salários mínimos no bairro Santa Clara (2010) - Viçosa/MG

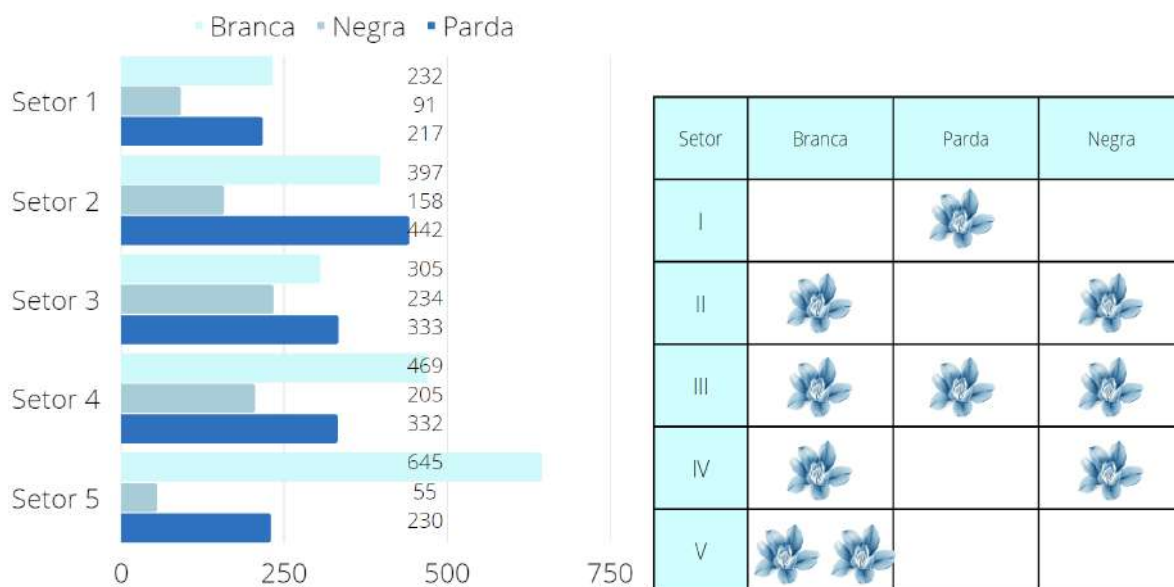


Fonte: IBGE (2010)

Ao destacar a raça, de acordo com os dados do Censo (2010), torna-se perceptível a diferença das moradoras. O setor que possui a maior taxa de moradoras negras e pardas é o III com 64%, em contraste ao setor V que apresenta a menor taxa com apenas 26%. Referente

aos outros setores, o II possui a taxa de 59% da população de negras ou pardas, o IV tem 53% e o I 49%, ou seja, o único setor que apresenta uma taxa que seja menor ou que não esteja nas proximidades dos 50% é o V. Abaixo estão duas tabelas, à esquerda (Tabela 12), refere-se à autodeclaração das mulheres dos setores censitários que compõem o bairro a partir dos dados do IBGE (2010), a segunda (Tabela 13) apresenta a autodeclaração racial das mulheres que participaram das entrevistas (2022):

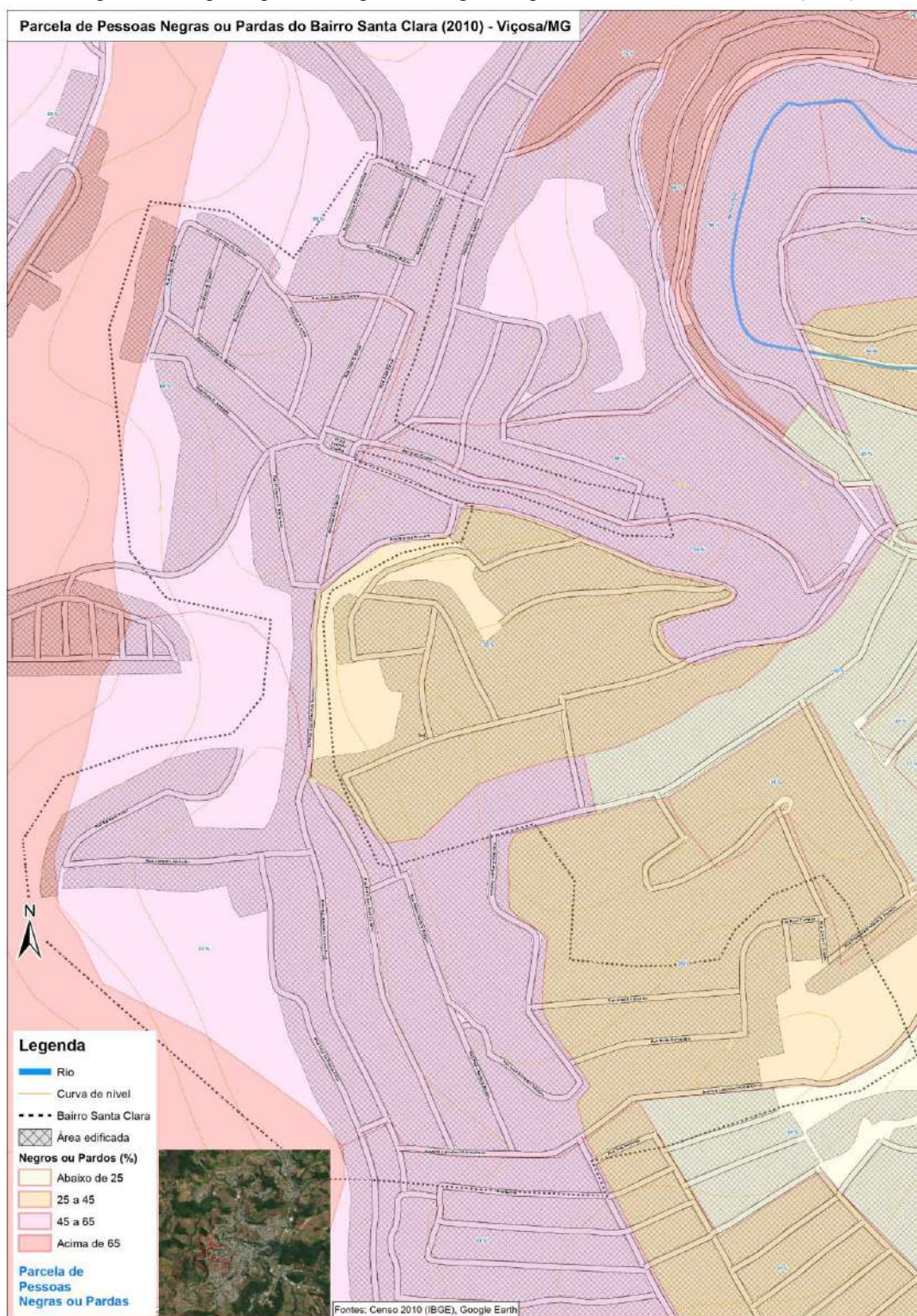
Tabelas 12 e 13: Raça das moradoras do bairro Santa Clara (2010 e 2022)



Fontes: IBGE (2010) e entrevistas (2022) (respectivamente)

Abaixo está a Figura 23, com as informações raciais do bairro Santa Clara que foram obtidas através do Censo do IBGE de 2010:

Figura 23: Mapa da parcela de pessoas negras ou pardas do bairro Santa Clara (2010)



Fonte: IBGE (2010)

Inclusive igualmente importante às características de renda e raça, é que sejam também considerados outros fatores, como a classe social, contexto de vivência, gênero e sexualidade, desse modo é possível realizar uma análise a partir da perspectiva interseccional.

Esse viés, de acordo com Collins e Bilge (2016), se apresenta enquanto uma tentativa de qualificar a complexidade das relações sociais, de modo que não há uma metodologia específica de trabalhá-la, mas sim possibilidades de integração das variáveis e adaptações de acordo com o foco da análise, de forma a buscar uma compreensão orientada à luta pela justiça social.

A partir dos anos 1960 as mulheres vivenciam a expansão de seu acesso ao ensino superior, o uso de métodos contraceptivos e sobretudo a inserção no mercado de trabalho (SARTI, 1988). Entretanto, é ponderado que esses avanços se deram em um contexto altamente hierarquizado, sendo a independência feminina marcada por questões de gênero e raça, de tal modo que à mulher negra as oportunidades eram muito mais limitadas. A partir das informações obtidas com o perfil demográfico do bairro, percebe-se que essa hierarquia se faz presente também na localidade.

A discrepância da média salarial entre homens e mulheres é muito elevada no bairro, atingindo a marca dos 30%. Todavia, entre os cinco setores censitários analisados, em três a responsabilidade familiar feminina ultrapassa os 40%, inclusive alcançando a marca de 60% das famílias no setor III, enquanto a média municipal de famílias chefiadas por mulheres é de 36%. Esse dado não desconsidera a incorporação de renda de outras pessoas que compõem o grupo familiar, contudo não há como descartar a existência das famílias em que apenas há o salário da mãe e que ainda que exista acréscimo de outras rendas, a desvalorização salarial feminina gera impactos reais, além de que para a mulher, “o ato de ser mãe ressignifica a sua existência diante do seu círculo de relacionamento, o que lhe confere um sentido maior nas suas responsabilidades como mulher e chefe de família” (BHERING, 2014, p. 55)

Em uma breve comparação entre as questões socioeconômicas e as raciais, contata-se que no bairro o único setor que não apresenta a taxa de mulheres negras e pardas acima dos 50% ou na proximidade desse valor, é o setor V. Este é parte do Santa Clara de Baixo, onde se localizam as maiores taxas de renda entre os setores do bairro, já no setor III, que faz parte do Santa Clara de Cima, o percentual de pessoas que recebem até um salário mínimo é de 73% e nessa localidade as moradoras são predominantemente negras ou pardas.

Juntar a análise desses dois parâmetros é um dos meios de se pontuar as marcas estruturais do racismo na sociedade e sua manifestação no bairro. Kazan (2020) aponta que as mulheres negras tem de se afirmar enquanto sujeitos e para além disso, de reafirmar a multiplicidade de sujeitos. Em complemento, Ribeiro e Ávila (2019) ponderam que os corpos negros carregam as marcas dos problemas estruturais não resolvidos e que por isso se

constituem enquanto território político, possuidor de marcas culturais e sócio-históricas. Destarte o alinhamento teórico interseccional também coloca que,

Pensar a cidade é pensar nos dilemas de ser mulher e ser negra e nos constantes processos de luta e resistência que esses corpos carregam, seja na cor de vestido, na opulência de um turbante, na ancestralidade de uma trança, ou pelo simples fato de ocupar lugares que não foram socialmente destinados a esses corpos, assim o simples fato de (re) existir configura-se como um ato de resistência. (RIBEIRO, AVILA, 2019, p.80)

Em decorrência dessas hierarquias sociais que desvalorizam as mulheres, diversas vezes à elas são delegadas atividades de trabalho de manutenção da vida, como os serviços domésticos, sendo esses realizados em suas residências sem qualquer remuneração ou como oportunidade de trabalho em outras localidades, onde geralmente a remuneração é baixa. Ainda que as mulheres conquistem outros ramos empregatícios, a diferença salarial segue sendo uma questão em muitos dos casos.

Para além, estamos diante de uma nova forma de desigualdade que não se faz tão perceptível quanto a estrutura de classes - embora seja um fator que contribua para a consolidação do abismo econômico e social, uma versão em que nem sempre as pessoas que perdem o acesso ao mercado de trabalho conseguem ser inseridas novamente, o que gera culpabilidade individual, quando na verdade trata-se uma questão estrutural capitalista (MARTINS, 2003). Ademais,

A dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetividades não podem ser explicadas unicamente pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência. (SAWAIA, 2001, p.9)

Enfim, o presente subcapítulo apresenta que de fato a organização espacial do bairro se deu a partir da diferenciação econômica entre o Santa Clara de Cima e o Santa Clara de Baixo. O destaque das questões economicossociais reforça que as diferenças do espaço construído não são puramente estéticas, embora não sejam capazes de destacar características da vivência cotidiana de suas moradoras. Partindo do interesse em realizar levantamentos sobre o bairro a partir da perspectiva de quem nele reside, foram entrevistadas dez moradoras, as quais serão melhor abordadas a seguir.

II.III “O saber da experiência” - as moradoras

Tomando emprestado o termo de Bondía (2002), “o saber da experiência” remete àquilo que nos toca, que afeta e desperta sentimentos, que só acomete quando sua existência está aberta ao sentir. E por isso a experiência se difere da informação, da opinião e do método científico (até que se alcance o primeiro resultado é experiência, depois torna-se repetição), é um saber individual, intransferível e por isso finito. Posto então como

“o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p.27)

O que se almeja nessa sessão é dar voz às moradoras do bairro Santa Clara. Trata-se de uma tarefa complexa, porque vivências e experiências não se limitam à palavras, contudo, para Henning (2015), a interseccionalidade trata-se de uma visão atenta às formas pelas quais se dão a diferenciação dos sujeitos, considerando os marcadores que estruturam a sociedade e contribuem na formação identitária individual e coletiva. Dessa forma, realizar entrevistas se constitui enquanto etapa fundamental para apresentar o bairro a partir de quem o constrói através das práticas cotidianas. Para iniciar a discussão, será realizada uma breve apresentação sobre cada moradora entrevistada, resguardadas suas identidades e características que possam identificar quem são as mulheres que participaram do presente estudo.

Entrevistada 1:

Não quis responder quantos anos tem, estudou até o ensino superior, porém não chegou a concluir o curso, pois conseguiu emprego na área e desistiu da graduação. Tem três filhos adultos, atualmente mora com um deles, que é o principal responsável familiar, e para a criação dos filhos contou com a ajuda de seu pai. Se mudou para o bairro há 20 anos e atualmente reside no setor censitário IV.

Entrevistada 2:

Tem 90 anos, estudou até o ensino fundamental, contudo não chegou a concluí-lo, porque precisava de trabalhar. Tem três filhos adultos e atualmente mora sozinha, mas uma de suas filhas reside perto de sua casa. Foi casada e na época o marido auxiliava com as contas de casa, mas era ela a responsável pela criação dos filhos. Mora no bairro há 25 anos e pertence ao setor censitário III.

Entrevistada 3:

Tem 86 anos e concluiu os estudos do ensino fundamental. Durante sua trajetória de vida teve diversos empregos diferentes. Tem dois filhos adultos, um deles mora com ela, sendo que a criação deles se deu junto ao seu esposo, com quem ainda hoje divide a responsabilidade do sustento familiar. Reside no Santa Clara há 22 anos e todos eles como moradora do setor III.

Entrevistada 4:

Tem 54 anos, cursou até o ensino superior e chegou a concluir a graduação. É concursada como técnica na UFV e essa é a principal fonte de renda da família, porém conta com ajuda dos filhos adultos que residem junto com ela, são 4 pessoas no total. Mora no bairro há 24 anos, desde que construiu sua casa no setor IV.

Entrevistada 5:

Não quis responder sua idade e cursou o ensino médio completo. Tem dois filhos crianças e conta com a ajuda do pai na criação deles. Na casa moram seis pessoas, dentre as quais duas trabalham, mas ela é a principal responsável pelo sustento. É moradora do bairro há 13 anos, sendo que mudou algumas vezes durante esse período, mas atualmente reside no setor V.

Entrevistada 6:

Tem 61 anos, cursou o ensino superior completo, entretanto fez concurso e foi trabalhar em outra área. Tem três filhos adultos e mora com dois deles, que juntos são os principais responsáveis pelo sustento familiar. Ela se mudou para o bairro há cerca de 15 anos e atualmente reside no setor V.

Entrevistada 7:

Tem 68 anos, estudou até alcançar a conclusão do ensino fundamental. Tem dois filhos e criou eles com a ajuda do marido, também foi ele quem ajudou os filhos a construírem suas casas no quintal, de modo que atualmente moram 9 pessoas, entre filhos, nora, genro, e netos. Os filhos são os principais responsáveis pelo sustento e juntos residem no setor III, sendo que ela se mudou para o bairro há 32 anos.

Entrevistada 8:

Tem 42 anos e cursou o ensino fundamental completo. Não teve filhos e mora com os pais, apesar dela ser a principal responsável pelo sustento familiar atualmente, os três trabalham. Juntos se mudaram para o bairro há 2 anos e são moradores do setor censitário II.

Entrevistada 9:

Não quis responder quantos anos tem, mas seu grau de escolaridade alcançou a conclusão do ensino médio. Mora junto do marido e dos dois filhos pequenos, sendo que o principal responsável pelo grupo familiar é o marido, ela assume os serviços domésticos e ainda trabalha fora. São moradores do bairro há 25 anos e residem no setor II.

Entrevistada 10:

Tem 48 anos e estudou até concluir o ensino superior. Atualmente mora com o único filho que já é adolescente, mas quando se mudou para o bairro, veio com seus pais, hoje falecidos. Ela é a responsável pelo sustento familiar e é moradora do bairro há 21 anos, sendo sua casa localizada no setor I.

De acordo com as dez entrevistadas, a principal forma com a qual elas ficaram sabendo do bairro foi através das propagandas, o que mostra a efetividade dos anúncios feitos na época. Além das 5 que foram noticiadas da localidade pelos anúncios, 2 ficaram sabendo através dos pais, 2 não se lembram como se deu o processo e 1 descobriu o Santa Clara através de conhecidos. A maior parte delas conta que quando se mudou não havia tantas casas no bairro e a sua foi uma das primeiras da rua, vendo crescer seus filhos e as famílias vizinhas, com as quais em muitos casos se estabelece uma relação de amizade longínqua.

Uma questão interessante é que quando questionadas acerca de uma possível mudança em sua relação sentimental com o bairro ao longo dos anos, de todas as entrevistadas, 6 responderam que não houve quaisquer alterações em sua relação com o espaço, mas durante o desenvolver da conversa expunham carinho por muitas das recordações construídas. Acrescente-se que

as emoções, embora tenham franca expressão corporal, não podem ser reduzidas a fisiologia, pois são lidas e decodificadas em cada cultura de forma específica, sempre normatizada pela organização grupal. Já o afeto comporta os sentimentos associados as histórias das relações construídas. O afeto, mais pragmático, estrutura as atitudes solidárias, as simpatias ou antipatias, as lealdades ou deslealdades. Sendo assim ele comporta as ações e condutas que promovem as relações cotidianas que estão profundamente comprometidas com os laços afetivos construídos ao longo da vida. (SILVA *apud* BHERING, 2014, p.48).

No tocante a afeição com o espaço, Massey (2000, p.184), afirma que “o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas que se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular”, de tal modo que o pertencimento se origina da interação entre vivências

passadas e presentes, que nessa constante mutabilidade pode gerar reconhecimento com o local em que se vive ou se frequenta. Desse modo então, o lugar se torna algo “como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais” (Ibidem).

As entrevistas foram realizadas em ruas diversas, tanto na parte Alta quanto Baixa, o que tornou perceptível o fato de que entre trajetórias pessoais e sobre a vizinhança, nos caminhos percorridos foram mais comuns mudanças de casa no Baixo Santa Clara. Isso não quer dizer que o fluxo de moradores não exista em todo o bairro ou mesmo que tão poucas entrevistas sejam capazes de produzir estatísticas generalizantes, mas despertou a curiosidade no que concerne a uma possível relação do aumento da identificação e apreço espacial com a realização do sonho da casa própria para os moradores menos abastados financeiramente.

Ao considerar as construções e mudanças espaciais, há apenas um relato de saudade de um espaço que não existe mais. Refere-se a um lote vazio onde as crianças brincavam no passado, ademais, elas têm como local favorito a própria casa, característica somada pela falta de costume de sair para atividades de lazer durante toda a vida. A ausência do lote e a baixa frequência da realização de passeios podem ser tomadas como exemplo de que há poucos espaços destinados ao lazer no bairro.

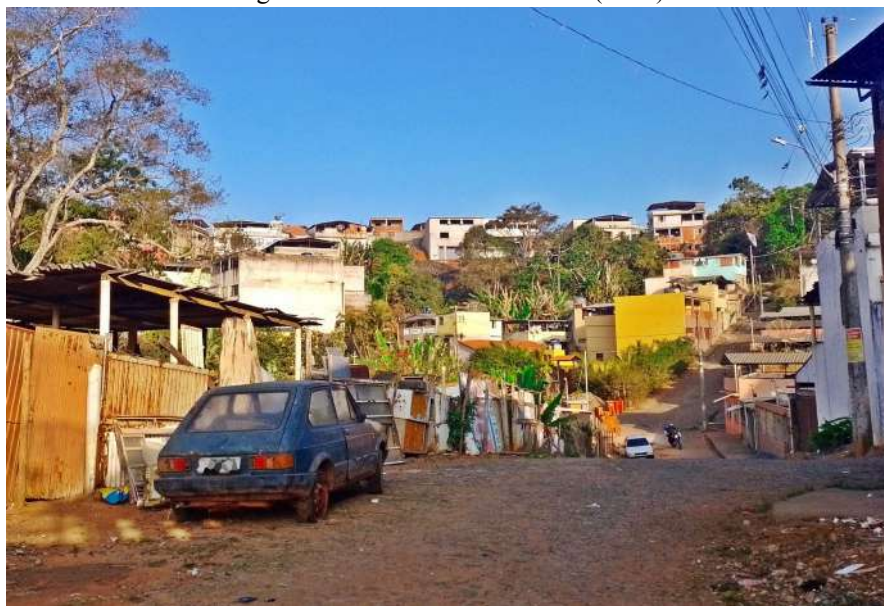
Quando questionadas com relação à melhorias que fariam no bairro em uma situação imaginária em que elas se tornassem prefeitas, foram diversas as propostas e geralmente acompanhados de uma justificativa comunitária referente à importância dessas implementações: melhoria da praça para que haja um espaço de convivência e para que as crianças possam brincar; instalação de academia ao ar livre para a diversão e saúde dos moradores; melhoria do calçamento para auxílio na mobilidade; aumento do número de quebra-molas, para redução da velocidade dos veículos e consequentemente dos acidentes; maior investimento na Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro com mais médicos e criação de outra unidade, porque trata-se de um bairro extenso.

Também estiveram presentes reivindicações por instalação de bocas de esgoto, porque elas são praticamente inexistentes, o que faz com que a água da chuva saia carregando tudo; criação de aulas gratuitas como, por exemplo, pintura e dança; asfaltamento de ruas; o aumento da arborização para amenizar a poluição e melhorar o aspecto visual; melhoria do serviço de transporte público, porque em horário de pico comumente uma linha por hora não consegue atender a todos os que precisam do ônibus.

Entre as entrevistadas, as moradoras do Alto Santa Clara apresentaram muitas queixas com relação ao transporte público, com destaque para a ausência de acesso dos ônibus em

alguns pontos do bairro. As localidades onde o onibus não alcança são comumente cercados por morros, onde é precária a disponibilidade de calçamento e oferta de serviços, o que ocasiona em danos à mobilidade dos moradores, fator agravado pela alta presença de idosos nessas localidades. Para Massey (2000, p.180), a “mobilidade diferencial pode enfraquecer a influência dos já enfraquecidos”. A imagem abaixo (Figura 24) apresenta uma rua do Alto Santa Clara, a Gabriel Brumano, um dos locais não atendidos pelo transporte coletivo:

Figura 24: Rua Gabriel Brumano (2022)



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Ao se pontuar periferia, a multiplicidade de sujeitas e sujeitos não permite a criação de uma identidade periférica universal, mas ampara a perspectiva endossada pela presença de seus intelectuais orgânicos no entendimento de uma certa posição urbana, fortalecida pelo reconhecimento local (D'ANDREA, 2020). E no bairro, decerto uma das características culturais mais marcantes das entrevistas é a realização da tradicional Festa Junina. A festividade reúne muitos moradores na Praça Levindo Coelho e é rememorada em algumas das entrevistas com grande afeto, sendo esse um dos patrimônios imateriais locais.

Outro orgulho apontado por algumas entrevistadas é o time de futebol, o Santa Clara Futebol Clube, citado também nos questionários (2017) e que inclusive é municipalmente declarado como utilidade pública a partir da Lei nº 906, de 12 de abril de 1993. Entre as práticas tradicionais encontram-se a realização de novenas e procissões pela Igreja Católica do bairro, assim como as festividades em homenagem à Santa Clara, muito frequentadas pelas entrevistadas e também mencionadas nos questionários.

Conclusões

O bairro Santa Clara é um dos múltiplos resultados da expansão urbana de Viçosa desencadeada pelo crescimento da Universidade Federal Viçosa após a federalização da referida instituição. A origem do bairro está intimamente relacionada com a expansão da classe média local e a demanda por habitação da população recém chegada, entretanto sua proximidade com o Centro da cidade e as suas vantagens de acesso ao comércio, influi na rápida expansão do parcelamento e ocupação das terras. A partir de sua expansão, torna-se destino também de migrantes com menor poder aquisitivo, momento em que se materializa o crescente processo de segregação na cidade, que na localidade se torna perceptível através dos diferentes padrões construtivos.

Nas novas áreas construídas, foram produzidas moradias e infraestruturas em conformidade com a renda da população e as ações empreendidas pela prefeitura de acordo com a demanda dos moradores locais. Portanto, a área se converte em uma periferia, não em decorrência da sua distância em relação ao Centro, mas como consequência da precária provisão de aparatos urbanísticos. Esses fatores aliados resultam na divisão simbólica do bairro em dois: o Baixo Santa Clara, com moradores de renda mais elevada, e o Alto Santa Clara, com perfil de moradores de renda mais baixa. Todavia, através da análise demográfica do bairro, torna-se notável que de fato ocorre a distinção das partes e que essa se reafirma na desigualdade de acesso oferecida às suas chefes de família e mães solteiras no tocante à escolaridade e ao mercado de trabalho, por exemplo.

Entre as moradoras entrevistadas do Alto Santa Clara, há as migrantes da zona rural que vieram para a cidade em busca de melhores condições de vida. Em decorrência da necessidade, elas foram assumindo diferentes funções ao longo dos anos ou mesmo de forma simultânea, para complemento financeiro. A inacessibilidade ao mercado de trabalho formal e por conseguinte, à uma fonte de renda satisfatória para o custeio familiar, gera um cenário de privações. As muitas horas gastas diariamente com serviço tornam escassos os momentos de descanso, de realização de atividades de lazer ou mesmo de convívio familiar.

Com o excesso de trabalho e a má remuneração, as mulheres acumulam diversas funções diante de uma série de restrições que os preconceitos de gênero, raça, sexualidade e classe impõe. É importante considerar que entre as entrevistadas, atualmente muitas são aposentadas, mas já exerceram funções como: costureira, faxineira, atendente em mercearia e babás, por exemplo. Dessa forma, essas mulheres tiveram de assumir empregos que não são

reconhecidos e prestigiados pela sociedade, por essa ser a única opção em que foram aceitas e por estarem, segundo Milton Santos, no circuito inferior da economia.

As prolongadas jornadas de trabalho se dão na tentativa de assegurar à família o acesso à qualidade de vida ou ao menos condições básicas para a sua sobrevivência. Conquanto, muitas das vezes não basta apenas possuir o mínimo para viver, deseja-se a inserção no meio social, ser notado, sendo essa uma característica que inclusive (MARTINS, 2003).

Destarte, o bairro Santa Clara através da ação de diferentes conjunturas foi crescendo e se estabelecendo acrescido pelas particularidades e demandas de seus moradores. Em um processo que é infindo, o bairro é composto por muitas histórias, vivências e memórias, o que reforça a importância de estudos sobre o local, com sensibilidade para compreender a periferia para além das edificações. Essa perspectiva permite dar voz àqueles que comumente são marginalizados, criando uma narrativa em que esses novos protagonistas tenham melhores oportunidades de estudo, lazer, saúde pública, trabalho e melhoria do padrão de vida como um todo, através do enfrentamento aos preconceitos e estigmas que há muito foram naturalizados.

Referências bibliográficas

BECKER, Bertha K.; EGLER, Claudio A. G. O legado da modernização conservadora e a reestruturação do território. In: **Brasil: Uma nova potência regional na economia-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. cap. 5, p. 169-213.

BHERING, Leiliane Souza. **Geografia e gênero: Trajetórias socioespaciais de mulheres chefes de família do bairro Bom Jesus - Viçosa (MG)**. 2014. 75 p. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DE VIÇOSA. **Lei nº 241, de 23 de setembro de 1977**. Dá denominação a via pública, conforme especifica. Viçosa, Minas Gerais, 26 jan. 2017a. Disponível em: <http://leismunicipa.is/vgpij>. Acesso em: 1 dez. 2021.

_____ **Lei nº 434, de 15 de maio de 1984**. Estabelece os limites do bairro Santa Clara e dá outras providências. Viçosa, Minas Gerais, 24 jan. 2017b. Disponível em: <http://leismunicipa.is/fvpjib>. Acesso em: 1 dez. 2021.

_____ **Lei nº 726, de 11 de junho de 1990**. Autoriza o Poder Executivo a construir escola municipal. Viçosa, Minas Gerais, 23 jan. 2017c. Disponível em: <http://leismunicipa.is/giphv>. Acesso em: 1 dez. 2021.

_____ **Lei nº 780, de 27 de maio de 1991**. Autoriza aquisição de terreno. Viçosa, Minas Gerais, 23 jan. 2017d. Disponível em: <http://leismunicipa.is/vgphi>. Acesso em: 1 dez. 2021.

_____ **Lei nº 906, de 12 de abril de 1993**. Declara de utilidade pública o Santa Clara Futebol Clube. Viçosa, Minas Gerais, 24 fev. 2017e. Disponível em: <http://leismunicipa.is/vmknk>. Acesso em: 1 dez. 2021.

_____ **Lei nº 1289, de 11 de novembro de 1998**. Autoriza aquisição de terreno. Viçosa, Minas Gerais, 24 jul. 2007. Disponível em: <http://leismunicipa.is/qkbnt>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Lei nº 1679, de 18 de agosto de 2005. Abre crédito especial ao orçamento vigente. Viçosa, Minas Gerais, 22 fev. 2017f. Disponível em: <http://leismunicipa.is/enpkv>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Lei nº 2616, de 4 de abril de 2017. Autoriza Crédito Especial ao Orçamento vigente. Viçosa, Minas Gerais, 10 abr. 2017g. Disponível em: <http://leismunicipa.is/vjflq>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Lei nº 2636, de 24 de agosto de 2017. Autoriza Crédito Especial ao Orçamento vigente. Viçosa, Minas Gerais, 1 set. 2017h. Disponível em: <http://leismunicipa.is/svhmf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Lei nº 2731, de 21 de dezembro de 2018. Autoriza Crédito Especial ao Orçamento vigente. Viçosa, Minas Gerais, 9 jan. 2019. Disponível em: <http://leismunicipa.is/rhwsd>. Acesso em: 1 dez. 2021.

COELHO, Dayana Debossan. **Da fazenda ao bairro:** a construção de uma Nova Viçosa (1970-2000). 2013. 127 p. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2013.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 288 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1995. 94 p.

COSTA, Everaldo Batista da; SCARLATO, Francisco Capuano. Notas sobre a formação de uma rede urbana de um "tempo lento" no período da mineração no Brasil colônia. **ACTA Geográfica**, Roraima, ano 3, ed. 5, p. 7-21, jan/jun 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11800/1/ARTIGO_NotasFormacaoRedeUrbana.pdf. Acesso em: 28 jul. 2022.

CRUZ, Tancredo Almada. **Retrato social de Viçosa V.** Viçosa, Minas Gerais: Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável, 2014. 91 p.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e *sujeitas e sujeito periféricos*. **Novos Estudos**, São Paulo, ano 1, v. 39, ed. 116, p. 19-36, jan/abr 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.

FARIA, Jansen Lemos. **Apropriação do espaço por moradores de conjuntos habitacionais em Viçosa – MG**. 2018. 266 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As Pesquisas Denominadas “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade, [s. l.], ano XXIII, n. 79, p. 257-272, Agosto 2002.

FONTOURA, Natália; REZENDE, Marcela Torres. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, p. 1-5, 2017. Disponível em: <https://bancariosdf.com.br/portal/wp-content/uploads/2017/03/retrato-das-desigualdades-de-genero-raca.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

FÓRUM DE CULTURA DA ZONA LESTE (São Paulo). Manifesto Periférico: Pela lei de fomento à periferia. In: **Fórum de Cultura da Zona Leste**. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://forumdeculturadazonaleste.blogspot.com/p/manifesto-periferico.html>. Acesso em: 28 nov. 2022.

HONÓRIO, Letícia de Melo. **A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa, MG**. 2012. 130 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012

KAZAN, Evelyn Medeiros. **Mulheres periféricas e autorepresentação: uma análise do Nós, Mulheres da Periferia**. 2020. 184 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

LEITE, Regiane Valentim. **Paisagens que mentem e revelam: A autoconstrução em Bom Jesus, Viçosa-MG, como estratégia de potencialização espacial na periferia (1970-2014)**. 2014. 94 p. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades – alternativas para a crise urbana**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 204 p.

_____. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, ed. 4, p. 21-33, 2000.

MARIA, Ana Cristina de Souza; FARIA, Teresa Cristina de Almeida; STEPHAN, Italo Itamar Caixeiro. Um retrato da evolução urbana de Viçosa-MG: Impactos da federalização da UFV sobre a cidade (1969-2014). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 3, ed. 1, p. 37-54, jan/jul 2014. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd/article/view/3572>. Acesso em: 22 set. 2022.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 232 p.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: Uma nova política da espacialidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 314 p.

_____. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. **O espaço da diferença**. 1. ed. São Paulo: Papirus, 2000. cap. 8, p. 176-185

MELLO, Fernando Antônio Oliveira. **Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais**. 2002. 120 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Programa de Pós - Graduação em Ciência Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2002.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL (Brasil). Agência Nacional de Águas. Catálogo de Metadados da ANA. In: **Setores Censitários**. [S. l.], 1 jul. 2011. Disponível em: <https://metadados.snirh.gov.br/geonetwork/srv/api/records/cdb721a0-2d5d-45eb-9764-b831eb0b576e>. Acesso em: 30 nov. 2022.

ONU MULHERES (Brasil). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Chefia de família. In: **Retrato das Desigualdades**. [S. l.], 2015. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em: 17 maio 2022.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Evolução histórica e tendências de mudanças socio-culturais na comunidade de Viçosa - MG**. 1983. 407 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Departamento de Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa,

Minas Gerais, 1983. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/11829>. Acesso em: 22 set. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA. **Decreto nº 5.062, de 10 de abril de 2017**. Declara como de interesse público a construção de creche no imóvel da Praça de Esportes da Prefeitura de Viçosa e dá outras providências. [S. l.], 10 abr. 2017. Disponível em: https://www.vicosa.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/DECRETO_5062_2017?cdLocal=5&arquivo={4E716A9C-1AEB-4902-A659-3E0119D3B5E9}.pdf. Acesso em: 3 dez. 2022.

RIBEIRO, Cristine Jaques; AVILA, Carla Silva de. O direito à cidade e a mulher negra. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 2, jul/dez 2019. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Missoes/article/view/3195>. Acesso em: 14 abr. 2022.

RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Gênero em perspectiva interseccional. **Plural: Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, [s. l.], v. 26, ed. 1, p. 1-10, 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159740>. Acesso em: 21 jun. 2022

ROQUE, Leandro Antônio. Risk Mapping Associated With Mass Movements in Viçosa (MG) Urban Area. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, Minas Gerais, v. 5, ed. 2, p. 533-555, jul/dez 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268280236_Risk_Mapping_Associated_With_Mass_Movements_in_Vicosa_MG_Urban_Area. Acesso em: 29 nov. 2022.

SARAIVA, Camila Pereira. Como compreender as velhas periferias?: um exercício de reflexão relacional. **E-metropolis**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 20, p. 13-20, Março 2015. Disponível em: http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/020/original/emetropolis_n20.pdf?1447896384. Acesso em: 16 fev. 2022.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 476 p.

SAWAIA, Bader. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa?. In: SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.7-13

SILVA, Medelin Lourena da. **Expansão da cidade de Viçosa (MG)**: a dinâmica centro-periferia. 2014. 149 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014.

SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: Território e sociedade no século XXI: A história de um livro. **ACTA Geografia**, Boa Vista, ed. Edição Especial Cidades na Amazônia Brasileira, p. 151-163, 9 set. 2011. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/556>. Acesso em: 9 ago. 2021.

SOUZA, Talita Rodrigues de. **Estudo de uma trajetória**: O feminismo periférico contemporâneo brasileiro. 2020. 86 p. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. São Paulo: Contexto, 1988. 80 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (Viçosa). Arquivo Central e Histórico. **Arquivo Central e Histórico da UFV** (ACH-UFV). [S. l.], 2022. Disponível em: <http://atom.ufv.br/index.php/arquivo-central-e-historico-da-ufv-ach-ufv>. Acesso em: 1 dez. 2022

VERÁS, Maura Pardini Bicudo. Exclusão social: um problema de 500 anos. In: SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 27-50

Anexos

Anexo 1: Roteiro de entrevista com as moradoras do bairro Santa Clara

Identidade

1. Quantos anos você tem?
2. Onde você nasceu?
3. Qual o grau de escolaridade?
☐ analfabeto ☐ ensino fundamental ☐ ensino médio ☐ ensino superior
☐ completo ☐ incompleto
4. Você tem filhos?
☐ não ☐ um ☐ dois ☐ três ☐ quatro ☐ mais, quantos?
5. Como você se considera?
☐ branca ☐ negra ☐ indígena ☐ parda ☐ amarela
6. Quantas pessoas moram na casa?
☐ um ☐ dois ☐ três ☐ quatro ☐ cinco ☐ mais, quantas?
7. Quantas pessoas da casa trabalham?
☐ um ☐ dois ☐ três ☐ quatro ☐ cinco ☐ mais, quantas?
8. Quantas pessoas da casa estudam?
☐ um ☐ dois ☐ três ☐ quatro ☐ cinco ☐ mais, quantas?
9. Qual o grau de escolaridade dos moradores?
 I - ☐ analfabeto ☐ ensino fundamental ☐ ensino médio ☐ ensino superior
☐ completo ☐ incompleto
 II - ☐ analfabeto ☐ ensino fundamental ☐ ensino médio ☐ ensino superior
☐ completo ☐ incompleto
 III - ☐ analfabeto ☐ ensino fundamental ☐ ensino médio ☐ ensino superior
☐ completo ☐ incompleto
 IV - ☐ analfabeto ☐ ensino fundamental ☐ ensino médio ☐ ensino superior
☐ completo ☐ incompleto
 V - ☐ analfabeto ☐ ensino fundamental ☐ ensino médio ☐ ensino superior
☐ completo ☐ incompleto
10. Você está empregada? Se sim, em quê?
11. Se sente realizada na profissão atual? Por quê?
12. Quem é o principal responsável pelo sustento da família?

13. Vocês recebem algum tipo de auxílio do governo, prefeitura ou alguma instituição?

Qual?

() bolsa família () vale gás () outros

14. Quantos cômodos há na casa?

() um () dois () três () quatro () cinco () mais, quantos?

15. Quais?

() sala () cozinha () copa () quintal () garagem () lavanderia

outros: _____

16. Quantos quartos há na casa?

() um () dois () três () quatro () cinco () mais, quantos?

17. Na casa há carro? Se sim, quantos?

() um () dois () três () quatro () cinco () mais, quantos?

18. Na casa há motos? Se sim, quantas?

() uma () duas () três () quatro () cinco () mais, quantos?

19. Durante a pandemia de COVID-19, você e sua família foram impactados? Perderam emprego, adoeceram, perderam algum ente querido, como?

20. Caso pudesse mudar alguma coisa na sua vida, o que você gostaria de fazer?

Trajetória

1. Onde você morava antes de se mudar para o bairro?

2. Quando mudou para o bairro?

3. Há quanto tempo mora no bairro?

4. Qual a motivação para mudar-se para o bairro?

5. Quando veio para cá, mudou-se com quem?

6. Como ficou sabendo do bairro?

7. Como foi o processo de aquisição da casa? Contou com algum programa de auxílio da prefeitura ou do Estado? Se sim, qual?

() sim, qual: _____ () não

8. Quando se mudou, você e sua família construíram a casa?

() sim () não

9. Se sim, contou com ajuda de profissional (pedreiro, arquiteto) ou com ajuda de familiares, amigos, mutirão?

10. Entre os moradores do bairro, ainda há muitos moradores aqui da época em que você se mudou para cá?
11. Como era a relação dos vizinhos do bairro quando você se mudou?
12. Havia associação de moradores? Se sim, ainda hoje ela está presente?
13. Na história de formação do bairro, você conhece alguma pessoa que se destacou e você tem orgulho?
14. Havia entre os vizinhos alguma festa de costume, jogos de futebol ou outro momento de interação?
15. Quando veio para o bairro, havia muitas casas?
16. Quando veio para o bairro, havia energia elétrica, água e rede de esgoto?
17. Quando veio para o bairro, a iluminação das ruas era suficiente? Você acha que melhorou ou piorou?
18. Quando veio para o bairro, o calçamento das ruas era suficiente? Você acha que melhorou ou piorou?
19. Quando veio para o bairro, já havia serviço de onibus? Você acha que melhorou ou piorou?
20. Como os moradores do bairro iam ao centro?

Território - lugares de identificação

1. Você gosta de morar nesse bairro?
2. Quais os lugares do bairro que você mais gosta?
3. Você sente falta de algum lugar que o bairro tinha antigamente e que hoje não existe mais?
4. Você sente que sua relação com o bairro mudou durante o tempo que mora aqui? Se sente mais ou menos acolhida, pertencente?
5. Você trabalha nesse bairro ou em outra localidade?
6. Se for em outro bairro, como se desloca?
7. Você faz compras neste bairro ou em outra localidade?
8. Se for em outro bairro, como se desloca?
9. Você tem costume de sair, passear para se divertir, onde costuma realizar atividades de lazer?
10. Se você fosse prefeita e pudesse criar uma intervenção no bairro, o que você faria?

11. Você acha que o bairro tem alternativas de lazer para os moradores? Como praças, parques, academias comunitárias.
12. Você acha que há creches suficientes para atender os moradores do bairro?
13. Você acha que há escolas suficientes para atender os moradores do bairro?
14. Você acha que há Unidades de Saúde Básica suficientes para os moradores?
15. Caso alguém passe mal, recorre ao pronto socorro mais próximo ou ao hospital?
16. Como se desloca para buscar atendimento em casos de necessidade?
17. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser moradora desse bairro?
18. Em caso de resposta afirmativa, você acha que o preconceito era maior antes, agora ou nada mudou?
19. Você sente receio ao andar pelo bairro à noite?
20. Você sente receio ao andar por outros bairros da cidade à noite?
21. Você acha que a Prefeitura Municipal de Viçosa tem procurado melhorar a vida da população que mora no bairro?
22. Caso fosse possível, como você acha que o bairro poderia melhorar?